



Rodrigo Rodrigues

# O ADOECIMENTO MENTAL NAS REDES SOCIAIS:

Mediações da informação e o poder da comunicação

 **Atena**  
Editora  
Ano 2023



Rodrigo Rodrigues

# O ADOECIMENTO MENTAL NAS REDES SOCIAIS:

Mediações da informação e o poder da comunicação

 **Atena**  
Editora  
Ano 2023

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra  
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /  
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## O adoecimento mental nas redes sociais: mediações da informação e o poder da comunicação

**Diagramação:** Letícia Alves Vitral  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** O autor  
**Autor:** Rodrigo Rodrigues

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696 Rodrigues, Rodrigo  
 O adoecimento mental nas redes sociais: mediações da informação e o poder da comunicação / Rodrigo Rodrigues. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-258-1473-5  
 DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.735231905>

1. Redes sociais on-line. 2. Comunicações digitais. 3. WhatsApp. I. Rodrigues, Rodrigo. II. Título.

CDD 303.4833

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
 Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedicado a todas as pessoas que já tiveram um momento de fraqueza: Saibam que essa dor não será eterna e que você encontrará o melhor que tem em você.

Aos meus pais genitores e do coração, meus avós e familiares pela atenção, esforços e empenho comigo durante minha vida como estudante, me ajudando desde o ensino infantil até o colegial, contribuindo de forma direta e indireta no despertar de meus potenciais para que eu chegasse até o ensino superior e posteriormente o doutorado, que resultou na ideia para este livro.

Também quero agradecer, meus filhos, Bárbara, Ana Paula e Bruno, que mesmo distantes sempre foram a minha força e a minha determinação para muitos estudos, construindo um dos meus sentidos de vida que foi lhes deixar algum legado, algum exemplo de vida.

Agradeço a quem esteve ao meu lado no difícil período do mestrado e do doutorado. Foram momentos de angústia e desespero por conta dos estudos, pesquisas, vida profissional, familiar e social, mas sempre tive alguém para amizade, acolhimento, incentivo e até compartilhamento técnico nas pesquisas.

Agradeço a todos os meus pacientes em nossas diversas sessões de terapia, assim como a todos os meus alunos pela oportunidade de interações e trocas. Todos foram fundamentais no meu desenvolvimento. Agradecimentos especiais a todos os meus professores, da tia Altair no pré-primário, na cidade de Cotia, ao Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente no doutorado na UNESP, estes dois representando extremidades de muitas pessoas amigas que me formaram o que sou, destacando no ensino primário e ginásial, a escola Adventista Tio Gustavo e a Escola Estadual Batista Cepelos, no ensino colegial a Escola Estadual Zacarias Antônio da Silva, na graduação em Administração o Instituto Hoyler, em Psicologia a Faculdade Anhanguera e em Pedagogia na UNIJALES, assim como nas especializações em Gestão Empresarial a ITE e em Gestão de Pessoas e Metodologias EaD a Uniderp, assim como em minha jornada no mestrado na UNESP. Foram muitas pessoas que contribuíram, de muitas formas, em minha formação e cada uma deixou um registro, que, indiretamente, faz parte deste livro.

Não poderia deixar de citar as diversas amizades que fiz durante minha vida, uma viagem representada por brincadeiras de criança, esportes, projetos de vida, trabalho e muitas outras relações humanas em que estivemos submetidos. Amigos que nem sempre estiveram ou estão presentes, ou aqueles que não estão mais presentes nesse mundo, amigos de passagem, enfim, amigos que moram em minhas lembranças de criança até meus dias atuais. Todos vocês fazem parte desse livro, basta que tenhamos preservada a lembrança sobre a nossa relação de amizade num determinado momento. Obrigado pela amizade,

pela relação e pelos ensinamentos na vida.

Aos meus diversos companheiros de pelos e penas, Billy, Preta, Woody, Mel, Menina, Wadder, Amorinho, Amora, Maxinho, Grey, Petika, Colore, Coloresinha, Perdido, Teedles, Max, Fifí, Zú, Tronco, Chapisco, Jú, Felipa, Gemaima, Galo, Floco, Nozes e muitos outros que estiveram comigo, agradeço pela companhia e pelos afagos recebidos.

Partindo do pressuposto de que o ser humano é uma estrutura biopsico e social, detentor de subjetividades que impulsionam a construção de sentido dentro da comunicação, essa pesquisa buscou apresentar que a comunicação mediada por tecnologias digitais variadas é estruturada de forma subjetiva e pode causar o adoecimento emocional. É através das interações sociais e humanas, que as pessoas constroem representações e identidades, por meio de informações que são disseminadas por processos de comunicação não sendo diferente quando eles acontecem por meio de aplicativos tecnológicos. Esta pesquisa está pautada em análises de referências bibliográficas no campo da Comunicação e da Psicologia e realizará coleta de dados a partir de indagações construídas por seus capítulos, acerca de experiências e interações no uso de tecnologias digitais para a comunicação. Projetam-se que os resultados poderão apresentar que indivíduos que utilizam tais tecnologias comunicacionais, podem construir interpretações de subjetividade e assim adoecer emocionalmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação; Subjetivação; Comunicação; Poder; WhatsApp.

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b>   |           |
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>1</b>  |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b>   |           |
| <b>A COMUNICAÇÃO, O MODERNO E A SUBJETIVAÇÃO HUMANA.....</b>    | <b>4</b>  |
| O APLICATIVO WHATSAPP NA COMUNICAÇÃO HUMANA.....                | 10        |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b>   |           |
| <b>O PODER DA COMUNICAÇÃO .....</b>                             | <b>20</b> |
| TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO .....                   | 23        |
| AS REDES DE COMUNICAÇÃO.....                                    | 24        |
| REDES SOCIAIS VIRTUAIS .....                                    | 28        |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b>   |           |
| <b>A MENTE HUMANA E SEU ADOECIMENTO COM A COMUNICAÇÃO .....</b> | <b>34</b> |
| O COMPARTILHAMENTO E AS CONEXÕES DA MENTE.....                  | 38        |
| A Ação das Mensagens em Redes Sociais e a Subjetividade .....   | 40        |
| DOENÇAS ATRIBUÍDAS AO USO DAS REDES SOCIAIS.....                | 44        |
| <br>  |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b>   |           |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                | <b>49</b> |
| <br>  |           |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>50</b> |

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade nos defrontamos com a mídia e a tecnologia, amparadas pelo advento da internet, e o aparecimento de uma nova forma de comunicação interativa, propiciando multiplicidade de informações e combinações semânticas, combinações de significados, sugerindo um novo tipo de sujeito presente nas relações através deste novo formato de comunicação. Para Ortner (2007, s/p), o homem atual é conhecedor de diferentes fenômenos culturais, conectado, aberto a uma nova visão de mundo e constituído por uma grande rede de representações de significados subjetivos. As construções de significados na comunicação, por parte de emissores e receptores de informações, suscitam novas representações sociais, que fazem uso de tecnologias para a mediação, ganham amparo e reforço por meio de redes neurais inerentes a cada indivíduo, e possibilitam a estrutura da subjetividade num ambiente livre, vivo, coletivo e inteligente. Segundo Lévy (2002), a 'inteligência coletiva' é o termo que trata basicamente da partilha de funções cognitivas, como a memória, percepção e aprendizado. O imaginário como parte da condição humana, constrói cenários, representações e ideologias na condição de vida do homem e de sua sustentação. A partir disso, o homem estrutura suas identidades sociais e busca a interação com seu meio. O contexto de um fenômeno observado, possibilita a progressão das construções de sentido, convergindo determinadas representações de objetos em estruturas sociais, se cristalizando no corpo como detentor de cultura social. Segundo Lévy (2002), a informação é necessidade social para construções de sentido, construção de identidades, possibilitando aos indivíduos a sua transformação social e, atualmente, grande parte desta informação é repassada por meios tecnológicos.

Neste contexto social, nos deparamos com diferentes aplicativos e redes sociais, como Facebook, WhatsApp, Instagram, entre outros, que permitem uma nova forma de comunicação. Ao realizarem um processo de comunicação por meio desses recursos tecnológicos, as pessoas, na transmissão da mensagem trazem suas experiências de vida.

Justificam-se os estudos dessa pesquisa pela interação de indivíduos que utilizam a comunicação por meio de tecnologias e os sentidos construídos a partir de suas subjetivações, carregadas de repertórios cristalizados, determinantes para suas verbalizações ou para construção de significados numa estrutura comunicativa, ocasionando a possibilidade de patologias emocionais relacionadas. Nesse sentido, justifica-se também por uma nova concepção social, onde a grande exposição pessoal, da intimidade e da proximidade tendem a encontrar frustrações e angústias, acerca da Psicologia e a atenção a saúde, pautada em decepções e tristezas face a más interpretações de significados comunicativos.

O problema de pesquisa trata, a partir dos pressupostos apresentados, do interesse

em refletir sobre o processo de comunicação mediado por tecnologias de comunicação, carregado de subjetividade de interpretações, procurando apresentar que os sentimentos e fenômenos sociais dos indivíduos emissores e receptores. Com isso, pretendemos defender a seguinte tese: As mensagens de usuários, mediadas por tecnologias de comunicação podem estar carregadas de subjetividade e adoecer o emissor ou o receptor de mensagens.

Pretende-se, como objetivo geral dessa pesquisa, apresentar que a comunicação mediada por tecnologias de comunicação pode ser estruturada de forma subjetiva, através das interações sociais e humanas, construindo representações e identidades requeridas e atribuídas ao ser humano, no contexto das mensagens disseminadas, podendo assim causar o adoecimento mental e emocional. Especificamente, pretende-se analisar a literatura acerca dos temas subjetivação, comunicação e impactos sociais; e construir uma narrativa no âmbito da comunicação que apresente as formas de subjetivação, tendo como base reportagens ou recortes midiáticos de mensagens em redes sociais, suas intenções, possibilidades de interpretações e variáveis subjetivas que podem criar impactos ou influência social.

O procedimento metodológico que permeia a pesquisa consiste numa revisão bibliográfica e infográfica, especificamente em livros, artigos e periódicos de bases de dados na área da Comunicação e da Psicologia e artigos e reportagens que veiculam mensagens e interações por meio de tecnologias de comunicação, tendo como estrutura central a análise por meio da Hermenêutica de Profundidade de proposta por John B. Thompson.

Esta pesquisa, segundo sua finalidade, refere-se a uma análise aprofundada, conforme denomina Vergara (2006), visto que objetiva apresentar que a comunicação, de mensagens por meio de tecnologias de comunicação carrega uma forte dose de subjetividade e nesse sentido, tem-se o seu grande emaranhado vinculado a estes dois campos, a comunicação e a psicologia. Seu cunho bibliográfico, pretende trazer contribuições científicas de autores que fundamentam construções e auxiliam nas reflexões face a problemas e objetivos propostos. A parte infográfica auxilia a análise e contribuições por meio de artigos, repositórios mercadológicos e posts em Blogs, que apresentam comentários variados com base na internet e uso de tecnologias digitais. Neste caso, o pesquisador focará a análise de mensagens mediadas e publicadas.

O capítulo 2, pretende apresentar a comunicação, o contexto do moderno e a construção da complexa subjetivação humana, expondo o fazer humano, transmitido de geração em geração, a comunicação sendo dada como troca de fenômenos sociais, com base na comunicação social analisando as relações existentes entre as mudanças sociais. Nesse sentido, o capítulo aborda a estrutura da comunicação buscando sua convergência

na adaptação entre as diferentes gerações, sendo a subjetivação humana pautada na interpretação de mensagens da comunicação e suas possibilidades de disseminação e distribuições a partir dessa interpretação.

O capítulo 3, tratará sobre o poder da comunicação, visto que comunicar-se é vital ao ser humano, porém sua estrutura é alicerçada na observação, discernimento e consenso. O capítulo abordará os primórdios na evolução da comunicação, suas influências e estruturas, até o contexto revolucionário atual, com a utilização da medição de informações por redes e tecnologias da informação e da comunicação digitais e virtuais.

O capítulo 4, apresentará a mente humana e seu adoecimento com a comunicação, no sentido de se compreender a concepção do *habitus*, fundamentado por Bourdieu como uma medição entre a realidade interior de um indivíduo e a realidade exterior, trazendo assim, novos modos de ações e pensamentos para se construir o tempo presente e as possíveis formas de aceitação ou não desse complexo contexto. O capítulo abordará a mediação da comunicação por meio de tecnologias digitais e virtuais, que busca a construção de significados que nem sempre encontram interpretações coerentes sob a ótica da subjetividade humana, dada o seu volume, qualidade e veracidade.



# A COMUNICAÇÃO, O MODERNO E A SUBJETIVAÇÃO HUMANA

A realidade construída pela mente humana se concretiza em fenômenos vivenciados e representados por repertórios subjetivos, filo, ontogenético e principalmente cultural como um ato de simbolizar algum contexto social, diante da capacidade de construção.

Na construção da mente humana, destacaremos dois pontos que consideramos primordiais: a cultura, a comunicação e como essas agem subjetivamente na formação do indivíduo humano.

Weber, citado por GEERTZ (2008), traz o homem como figura do animal amarrado a uma teia de significados que ele mesmo constrói:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação. (GEERTZ, 2008: p.4).

Nesse sentido, podemos dizer que a cultura engloba os modos comuns e aprendidos de viver, transmitida pelos indivíduos e grupos em sociedade. Para além de um conjunto de práticas artísticas, tradições ou crenças religiosas, devemos compreender a cultura como uma dimensão da vida cotidiana.

Guerra (2014), afirma que a cultura de determinada sociedade é passada de uma geração a outra através da educação, manifestações artísticas e outras formas de transmissão de conhecimento. Dessa maneira, o comportamento dos indivíduos vai depender desse aprendizado cultural. Maneiras em que utilizamos a fala, modos de se vestir, de se alimentar, e se comportar, a linguagem, de um povo específico, pode ser estranha aos olhos de outros povos.

O que é repugnante para indivíduos de uma sociedade, pode ser desejável em outra. Mais ainda: em uma mesma sociedade, o que era impensável no século passado pode se tornar comum hoje em dia e vice-versa (GUERRA, 2014).

Portanto são algumas características que, podem ser determinadas por uma cultura, que acaba por ter como função possibilitar a cooperação e a comunicação entre aqueles que dela fazem parte, ou seja, é impossível separar a cultura e a comunicação. O que podemos dizer sobre essa relação é que cultura é algo que abrange comunicação, se considerar que

cultura é todo fazer humano que pode ser transmitido de geração a geração, por meio da linguagem. E linguagem é todo sistema de signos que serve como meio de comunicação entre os homens. A comunicação é elemento de cultura.

Os campos da Cultura e da Comunicação, notadamente amplos, são suficientemente próximos e convergentes; no entanto, também o são distintos e específicos. Caminham em trilhas próximas, imiscuem-se, dialogam, trocam influências, delimitam procedimentos sociais. (SOUZA, 2014: p.365)

A comunicação é dada com o compartilhamento de significados construídos por meio da troca de informações da história e de fenômenos sociais. O sentido atribuído a essas informações envolvem anseios, angústias, decepções dentre outros sentimentos humanos.

Não se pode separar a socialização do indivíduo e sua formação, da comunicação e os meios utilizados para difundi-la. De acordo com o dicionário Infopédia, a própria palavra, comunicação, derivada do latim *comunicare* significa participar de algo, partilhar, tornar comum.

Já, a comunicação social é a ciência que analisa as relações existentes entre as mudanças sociais relacionadas ao modelo de comunicação existente, estudando, portanto, questões relacionadas à área de comunicação e o acesso a informação.

O acesso a informação é cada vez mais rápido e simples na sociedade atual, sendo impossível separar o desenvolvimento social a esse acesso em muitos aspectos. Os meios de comunicação exercem influências sobre a sociedade, podendo causar efeitos positivos ou negativos, nos indivíduos e na sociedade em geral de acordo com a mensagem enviada.

Vivemos em tempos de ritmo alucinante, a partir do qual se produzem verdades que se tornam mentiras, certezas que não se sustentam. Não se tem tempo sequer para acreditar seja nos avanços tecnológicos, seja nos rumos que segue a humanidade em sua globalização, exploração, consumo, comunicação. Na construção desse sujeito contemporâneo, constatamos uma pulverização na pluralidade de modos de subjetivação.

Para Giddens (1991), na história da humanidade, as gerações que integram a sociedade são vividas e ultrapassadas, dando lugar a outras novas gerações sociais, como elos de uma corrente, tendo sua transição de elo entre elo, apresentada de forma convergente ao novo, apropriando-se do contexto informacional social e fazendo uso e construindo tecnologias para o seu suporte informacional, sendo que quase sempre estas surgem de forma imperceptível e no ritmo da sociedade. Essa transição é ameaçadora para a adaptação e adequação de seus membros aos novos padrões sociais. Nesse sentido, a sociedade adapta-se ao seu contexto e convívio social e constrói novas representações sobre fenômenos que criam identidades e formas de se viver.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. A modernidade não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida, na qual as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter (GIDDENS, 1991: p. 37-38).

A comunicação humana é estruturada no mesmo contexto em que as gerações convergem, sendo assim, a subjetivação humana é de extrema importância para a interpretação de mensagens e a consequente disseminação informacional entre as pessoas.

Na área da psicologia, são várias as tentativas de investigação para se buscar a estrutura da subjetivação na comunicação. Para entender melhor esse processo é preciso explicar os vários conceitos que envolvem a subjetividade humana e seu desenvolvimento.

A comunicação e a subjetividade humana perpassam por construções do homem social diante de suas relações e seus envolvimento. As pessoas são diferentes, uma das outras, sendo que cada pessoa, cada indivíduo, é dotado de uma personalidade única, estruturada por aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais que determinam seu comportamento.

Percebemos que a subjetividade deve ser estudada com cuidado e com a intenção de propagar, não só o conceito, mas o direito à liberdade de cada sujeito ser único, de acordo com a evolução histórica da humanidade, o momento em que vive, as informações que recebe e suas próprias escolhas.

Mansano (2009, p. 111), esclarece que a “subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro”. Nesse sentido, a autora declara que o outro pode ser compreendido como o outro social, como a natureza, como os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver.

Um ponto importante quando se trata de subjetividade é considerar que todos os indivíduos pertencem a uma esférica única, com as mesmas características e variáveis, porém essas variáveis não podem ser controladas infinitamente. Um indivíduo circula por várias esferas durante a sua vida, tornando-se único, singular, e essa singularidade se manifesta na maneira em que cada qual recebe as informações em como as processa e as transmite.

O indivíduo é constantemente levado a produzir significados por meio de experiências que vivencia, por muitas vezes ocorrem ao acaso. Nisso, diversos fenômenos

dessa vivencia acabam desestruturando ou desorganizando o que ele conhecia até então. É bastante comum o choque de culturas entre indivíduos de esferas diferentes, causarem certo desconforto, originarem uma serie de estranhamentos, incômodos e até mesmo angustias, uma vez que esse evento desorganiza a maneira que esse sujeito vivia e se apropriava de uma visão de mundo até então.

Convém pontuar que além das variáveis externas, a própria subjetividade age no indivíduo, criando novas subjetividades, ou seja, confrontando reflexões e vivências do sujeito, em oposição ao que é representado pela sociedade e a sua própria subjetividade. O sujeito não abandona o que pensa, o que sente, o que já viveu e construiu, mas sim, analisa e reconstrói novas representações a partir da sua própria existência.

Assim, tornar-se humano é, ao mesmo tempo, ser parte da história da humanidade, por meio dos elementos da cultura, da comunicação e da criação e utilização de instrumentos e signos, bem como ser singular, ter experiências particulares, pelo exercício de atividades e de interações cotidianas (GOMES, 2016: p.822).

Dessa forma o indivíduo inserido em sua cultura, se torna sujeito, da mesma forma que nele se expressa a sua cultura, ou seja, a pessoa carrega em si as características de seu contexto cultural e as especificidades que a torna singular e única sem que ele perceba. De forma subjetiva ele é autor e ator na sua realidade e na sociedade a qual pertence.

Telles (2015 p.27), compreende a subjetividade como algo que está para além do intrapsíquico e que essa instância não consegue responder sozinha à complexidade do fenômeno humano.

Portanto, uma dúvida se faz presente no mundo atual: com tantas novidades tecnológicas, que produzem informações transmitidas e disseminadas rapidamente, como o sujeito recebe as informações e as processa de acordo com a sua cultura e conhecimento? Como essas informações agem na formação do indivíduo na forma singular e plural?

Para melhor reflexão e possibilidades de respostas para essas questões, devemos considerar, o advento da teoria da informação, observando o sujeito em um caráter dialético, tendo de um lado o sujeito moderno, centrado, racional reflexivo, unitário e de outro o pós-moderno, fragmentado, plural.

As novas tecnologias de comunicação desempenhariam um papel importante na passagem de um tipo de subjetividade a outra, juntamente com os acelerados processos de urbanização e de mundialização do capitalismo.

Trata-se da descentração do sujeito: Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também

mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2002: p.9).

Assim, de acordo com Colombo (2012: p.28), poderíamos afirmar que a vida pós-moderna, transforma tudo em efêmero e vão, a cultura do vazio impulsiona a ação na busca desenfreada do prazer e do poder. O mundo está sempre cheio de novidades, os modelos de carros novos, os celulares, os computadores, a internet.

A velocidade da transformação é muito rápida e violenta, instigando assim o ser humano a buscar sempre mais, a consumir ilimitadamente, caindo nas malhas do sistema de consumo sem pensar, transformando a adição de coisas em vício, tudo é poder e prazer.

A máxima da sociedade moderna é promover o consumo, isso afeta a formação psicossocial dos sujeitos, gerando novas modalidades de sensibilidades, novas necessidades, novos desejos, novas formas de sentir e perceber o mundo no qual vivem. As noções de felicidade, na esfera do moderno, estão intimamente relacionadas a satisfação imediata de suas fictícias necessidades.

Vivemos a era das alterações, da desconstrução de valores consolidados, da transformação da cultura e do fracasso de certas ideologias clássicas da sociedade, a era em que certezas supostamente inabaláveis estão sendo derrubadas.

É mister considerar, ainda, que a máxima da sociedade moderna é ser capaz de promover o consumo a qualquer custo. Além de afetar a formação psicossocial dos sujeitos, isso gera novas modalidades de sensibilidades, novas formas de sentir e de perceber o mundo no qual vivem. As noções de felicidade, contentamento e satisfação na esfera do consumo estão intimamente relacionadas às possibilidades de ter e não ter, consumir ou não (COLOMBO, 2012: p.38).

Para melhor caracterizar essa situação podemos citar Bauman (2001), que utilizou a fluidez do líquido, sua característica não moldável, para comparar com uma sociedade sempre em movimento, capaz de se adaptar a qualquer meio, preenche-lo e esvaziá-lo quando considerar adequado. A sociedade moderna líquida não se fixa a um espaço ou tempo, sempre dispostos às mudanças e livres para experimentar algo novo. Manter uma forma fixa não é tão fácil como simplesmente tomar nova forma, uma próxima forma.

O "derretimento dos sólidos", traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001: p. 12).

Com isso, as formas de poder na sociedade estão sendo realocadas e redistribuídas, e os objetos não duráveis tomam conta e a durabilidade já não tem mais o mesmo valor. A sociedade em constante fluidez sobre transformações do indivíduo, deixa a base da sociedade e parte dela em busca de uma liberdade para ir e vir sem qualquer comprometimento a não ser com sua própria satisfação.

Na modernidade líquida os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitassem, ao mesmo tempo, construir sua vida e se inserir dentro das condições de classe e cidadão. Chega-se no entender de Bauman a era da comparabilidade universal, onde os indivíduos não possuem mais lugares pré-estabelecidos no mundo onde poderiam se situar, mas devem lutar livremente por sua própria conta e risco para se inserir numa sociedade cada vez mais seletiva econômica e socialmente (FRAGOSO, 2011 p.110).

É nesta época em que toda a rigidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor, como modernidade sólida, são retirados de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade.

Assim, de acordo com Fragoso (2011: p.111), duas das características da modernidade líquida são a substituição da ideia de coletividade e de solidariedade pelo individualismo e a transformação do cidadão em consumidor. Nesse contexto, as relações afetivas se dão por meio de laços momentâneos e volúveis e se tornam superficiais e pouco seguras (amor líquido). No lugar da vida em comunidade e do contato próximo e pessoal privilegiam-se as chamadas conexões, relações interpessoais que podem ser desfeitas com a mesma facilidade com que são estabelecidas, assim como mercadorias que podem ser adquiridas e descartadas.

Uma vez que os bens capazes de tornar a vida mais feliz começam a se afastar dos domínios não-monetários para o mercado de mercadorias, não há como os deter; o movimento tende a desenvolver um impulso próprio e se torna autopropulsor e auto-acelerador, reduzindo ainda mais o suprimento de bens que, pela sua natureza, só podem ser produzidos pessoalmente e só podem florescer em ambientes de relações humanas intensas e íntimas (BAUMAN, 2003: p. 16).

Embora pareça clara a possibilidade de frustração de se viver uma vida que não nos pertence, a comunicação, mediada pela tecnologia, especificamente, fortalece essa possibilidade, através de identidades requeridas e atribuídas diante de interações. Assim, as identidades requeridas tratam-se de buscarmos junto a alguém a nossa própria identidade. Já as identidades atribuídas tratam-se de atribuímos a alguém alguma identidade frente a nossa percepção, que nesse sentido é subjetiva, particular e exige a construção dessa imagem no contexto envolvido em que ela esteja inserida, muitas vezes negando a imagem do outro, suas particularidades e detalhes, sendo que assim, cada situação definirá tais

construções a atribuir.

Seria impossível falar sobre a subjetivação dos indivíduos sem citar sua relação com a comunicação. Os meios de comunicação em massa com certeza agem na formação subjetiva do sujeito. A evidência dessas e de outras transformações advindas principalmente com a internet e os meios de comunicação social, nos levam a uma série de teorias que pretendem compreender as complexas relações envolvendo a rede mundial de computadores e a subjetividade humana.

É certo que o advento de novas tecnologias na área de comunicação possibilitou surgir um novo tipo de cultura, mediada por esses novos meios: a cibercultura. A cibercultura é entendida como um conjunto de atitudes, rituais e costumes que as pessoas desenvolvem quando entram em contato com a tecnologia. Assim, é possível entender como algumas pessoas lidam com a situação, ou seja, é a forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias.

Um conjunto de técnicas que podem ser materiais, intelectuais, práticas, de atitudes, de modos de pensamentos, e de valores que se desenvolvem juntamente com o desenvolvimento com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999: p.13).

Se cibercultura é cultura moderada pelos novos meios de comunicação, como a internet, ciberespaço é um espaço existente no mundo de comunicação, em que não é necessária a presença física do homem para constituir a comunicação como fonte de relacionamento, dando ênfase ao ato da imaginação, necessária para a criação de uma imagem anônima, que terá comunhão com os demais. É o espaço onde ocorre a comunicação a interação entre os indivíduos. Lévy (1999: p.92) define o ciberespaço como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”

Faz-se necessário diferenciar os meios de comunicação, como é o caso da Internet, e o ciberespaço. Na Internet a informação é criada, é postada, o espaço que essa informação percorre, o ambiente em que essa informação circula, de onde pode ser acessada por milhares e milhares de pessoas, a qualquer tempo é o ciberespaço.

## **O APLICATIVO WHATSAPP NA COMUNICAÇÃO HUMANA**

A comunicação humana perpassa pela convergência nos meios de veiculação das informações.

O desenvolvimento da comunicação não é algo estático, ao contrário, as descobertas de novos meios de comunicação criam novos símbolos e signos. E alteram nossa capacidade de socializar e responder as questões cotidianas.

Já que a nossa maneira de ver as coisas é também nossa forma de viver, o processo de comunicação de fato, é o processo de comunhão, o compartilhamento de significados comuns; a oferta, recepção e comparação de novos significados, que levam a tensões, ao crescimento e a mudanças (HALL, 2002: p.127).

Santaella (2012: p.10), cita vários códigos que podem ser descritos atualmente como idiomas, gestos, sons para que a comunicação ocorra de forma eficaz, ressaltando que para que a comunicação seja efetiva são necessários o emissor e o receptor e uma mensagem a ser declarada e codificada, lembrando que a comunicação pode ser formal, verbal, escrita, gestual.

A partir do desenvolvimento da ciência e das novas tecnologias, os meios de comunicação têm avançado significativamente, proporcionando a difusão dos conhecimentos e da comunicação no mundo.

Moreira (2010: p.3), conceitua mídia como meios de comunicação em geral, que atingem a grande massa, abrigando, pois, os grandes veículos com reconhecida influência sobre as pessoas. O termo mídia está vinculado aos processos de produção, circulação e recepção de mensagens.

A criação da mídia, como meio de comunicação em massa, representa um aspecto constitutivo do nascimento da sociedade de massa no fim do século XIX. A mídia na contemporaneidade engloba os veículos de notícias, o campo da publicidade, a produção de filmes, novelas e minisséries.

A emergência da cultura planetária via redes de teleinformática instalou definitivamente uma crise na hegemonia dos meios de massa e, com ela, o emprego da palavra "mídia" se generalizou para se referir também a todos os processos de comunicação mediados por computador. A partir de uma tal generalização, todos os meios de comunicação, inclusive os de massa, inclusive o livro, inclusive a fala, passaram a ser referidos pela rubrica de "mídia" até o ponto de qualquer meio de comunicação receber hoje a denominação genérica de "mídia" e o conjunto deles, de mídias (SANTAELLA, 2004: p. 76).

Atualmente observamos que fragmentos midiáticos, mediadores de informação, tais como as tecnologias da comunicação, especificamente a internet e as ferramentas web 2.0, possibilitam que a informação e a construção do conhecimento, deixem de se concentrar nas mídias de massa convencionais e se apresentem como possibilidades de produção, seleção e interação aos usuários, gerando novos conteúdos e fontes de informação no sentido de uma apropriação e consequente disseminação da informação.

A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma



combinação de técnicas informáticas mas todo um desenvolvimentos das rede de comunicação (PRIMO, 2007: p.1).

Moreira (2010: p.4), atenta ainda para a maneira que internet, além de interferir na noção de tempo, modifica, também, a experiência do espaço, pois possibilita uma comunicação em tempo real com uma pessoa em qualquer lugar da Terra, sendo inclusive possível ver o interlocutor, através da Webcam. A nova mídia não tem espaço físico determinado, a não ser pelos milhares de computadores pessoais interconectados, com limitações menores. O sujeito pode convidar vários outros sujeitos para a conexão, para interação. Os limites de tempo, espaço e da realidade são superados no espaço virtual.

Assim, a mídia virtual interfere em nossas noções internas de tempo, espaço e liberdade, promovendo verdadeiras revoluções na lógica clássica dessas noções. O espaço é ilimitado, a limitação é da memória de seu computador. A liberdade alcançou níveis não pensados pelos revolucionários modernos. A noção de tempo apresenta-se sob dupla forma, como a busca pelo imediato, pelo urgente, sem o tempo da espera, e como negação do fluir do tempo através da recusa de uma conexão histórica com o outro, pois a rede do virtual captura e aprisiona o sujeito em sua solidão, mas essa solidão pode ser transmitida via satélite (MOREIRA, 2010: p.6).

Entres as mudanças que a mídias virtuais trouxeram, talvez a mais importante foi fazer a sociedade se sentir cada vez mais conectada, como pontos ligados independente do lugar onde estejam agindo diretamente nas interações entre as pessoas, grupos e até mesmo organizações. O conceito de redes sociais é muito mais antigo do que a internet em si. Manuel Castells em “A Sociedade em Rede”, de 2007, discorre sobre os vários aspectos da maneira que a sociedade se constrói em forma de redes. E pontua que:

“... a tecnologia é condição necessária mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da actividade na base das redes de comunicação digital.” (CASTELLS, 1999: p.7).

Dessa forma consideramos que as redes sociais são espaços virtuais onde grupos de pessoas ou empresas se relacionam através do envio de mensagens, da partilha de conteúdos, entre outros, como ocorre em qualquer comunidade. Como afirma Pierre Lévy (2002), as comunidades virtuais “são *uma nova forma de se fazer sociedade*”. Essa nova forma é transitória, desprendida de tempo e espaço, baseada muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência de laços. E isso tudo só foi possível com o apoio das novas tecnologias de comunicação.

Pierre Lévy (2002) também tem defendido a participação em comunidades virtuais como um estímulo à formação de inteligências coletivas, às quais os indivíduos podem recorrer para trocar informações e conhecimentos. Fundamentalmente, ele percebe o papel das comunidades como o de filtros inteligentes que nos ajudam a lidar com o excesso

de informação, mas igualmente como um mecanismo que nos abre às visões alternativas de uma cultura.

Uma rede de pessoas interessadas pelos mesmos temas é não só mais eficiente do que qualquer mecanismo de busca, mas, também, do que a intermediação cultural tradicional, que sempre filtra demais, sem conhecer no detalhe as situações e necessidades de cada um (LÉVY, 2002: p.101).

O que define as relações de comunidade entre outros é a existência de laços próximos e persistentes entre os indivíduos, normalmente há um preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade.

Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade (BAUMANN, 2003: p.10).

Neste contexto observamos a mudança transitória das comunidades, das chamadas redes sociais tradicionais, para as redes sociais virtuais. Onde cada indivíduo está apto a construir sua própria rede de relações, sem que essa rede possa ser definida precisamente como comunidade. A possibilidade de integração dentro da cibercultura é da ordem jamais visto em nossa história.

Os homens conseguem encontrar zonas de proximidade lá onde isso pareceria impossível: pessoas compartilham idéias, conhecimentos e informações sobre seus problemas, dificuldades e carências. O que na maior parte dos casos não seria possível fazer entre próximos, simplesmente porque as redes locais são por definição limitadas no tempo e espaço. As redes locais ou comunidades no sentido mais tradicional são, justamente, o resultado da parcialidade natural do ser humano. Expandi-las é o que enfrentamos como desafio (COSTA, 2005: p.245).

O fenômeno das redes sociais on-line é uma marca da internet na atualidade, com a adesão majoritária de jovens que as acessam por computadores fixos, móveis ou telefones celulares, em plataformas dos mais variados tipos. Por meio delas, trocam mensagens e compartilham diversas informações.

A rede social online é um ambiente digital em conexão no qual é possível observar o desenrolar, a evolução e a constante modificação dos embates psicossociais de seus integrantes, embates esses não apenas de ordem tecnológica, mas, sobretudo, humana (ZENHA, 2018: p.25).

As ferramentas web 2.0 e o mundo virtual estão em ascensão atualmente, devido principalmente ao grande número de aparelhos celulares com inúmeros recursos multimídia, destacando nesse contexto as câmeras filmadoras de última geração, que registraram momentos, fatos e lutas que podem ser vistos em diversas mídias ou por um canal próprio com a intenção de disseminar informações e buscar tentativas de união social em prol de melhorias em condições sociais, muitas vezes motivadas por profunda desconfiança nas

instituições políticas, públicas e sociais, que se originam de alguma crise nas condições de vida.

Manifestantes que se arriscam e saem nas ruas, utilizam desses meios para questionarem desigualdades ou injustiças políticas. Nesses momentos, a informação é necessidade social para construções de sentido, construção de identidades, possibilitando aos indivíduos a sua transformação social e, atualmente, grande parte desta informação é repassada por meios tecnológicos.

Isso significa que a comunicação para ser comunitária deveria passar por processos de socialização e debates para depurar o posicionamento do coletivo. Nesta crença, defendemos que a comunicação pode ser pensada por coletivos e produzida com formas de participação livre, tendo como públicos grupos sociais engajados nas lutas de derrubada da lógica de dominação hegemônica (SILVA, 2009: p.34).

Assim, o homem social busca mudanças nas suas relações, considerando fatores da produção e da sustentação para a sua sustentabilidade de interações. Moreno (1974), adverte que:

A troca de antigas conservas culturais por novas não alteram a posição do homem em sua luta com as realidades do mundo que o cerca e não pode ajudar ao desenvolvimento de uma sociedade humana de que o homem tem que ser o verdadeiro senhor (MORENO, 1974: p.157).

Moreno (1990), afirma que o indivíduo reage a situações de seu mundo, interagindo, possibilitando as interações sociais, pautadas numa adaptação simulada para sua compreensão:

O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos (MORENO, 1990: p.27).

Neste contexto, as redes sociais têm a característica de provocar no sujeito processos de subjetivação. De acordo com pesquisa elaborada por Ferreira e Amaral (2017), as redes sociais, criam uma necessidade de urgência nos sujeitos no que diz as respostas das mensagens, devido a características do aplicativo.

Outra mudança causada em seus usuários está relacionada ao dialogo nas redes sociais na internet, o qual provoca no indivíduo a experiência do imediatismo, onde se sustentam os sentimentos de ansiedade e estresse, sentimentos latentes na sociedade atual. Devido essas alterações na percepção de tempo e também espaço, nas redes sociais (FERREIRA & AMARAL, 2017: p.36).

Dessa maneira observa-se que apesar do poder de disseminar mensagens, informações, instantâneas e para um grande número de pessoas a maneira que cada sujeito espera e recebe essa mensagem é única, e que a decodifica de acordo com os

seus próprios recursos.

Nesse ponto, convém lembrar que subjetividade é uma qualidade daquilo que é subjetivo e indica uma relação de algum objeto e de algum sujeito, ou seja, o indivíduo que observa algo e a partir disso faz uma reflexão particular e conclui. Uma propriedade particular de uma relação psíquica do sujeito autoconsciente e reflexivo. Caracteriza, pois, a interioridade da pessoa, o seu caráter de individualidade irredutível a qualquer conceito geral.

Dentre todas as redes sociais, o WhatsApp se destaca por ser a rede que conquistou mais usuários em relação ao tempo em que foi idealizado, e pela maneira que se tornou popular em todos os ambientes e classes sociais.

Araújo (2015: p.97) lembra que “a internet é uma fonte inesgotável de recursos que podem ser utilizados pelos usuários que buscam informação, e estes o fazem por meio de pesquisas na web, consultando blogs científicos e participando de comunidades virtuais específicas, bem como de grupos de discussão”.

Com base nessa afirmação do autor, utilizaremos a internet como principal fonte de pesquisa sobre a aplicativo WhatsApp. Digitando apenas “whatsAap”, temos aproximadamente 360.000.000 de resultados que variam desde origem do aplicativo, atualizações, aplicações e consequências que o seu uso indevido pode causar no ser humano.

Utilizaremos uma dessas fontes para um breve histórico sobre o aplicativo. O WhatsApp foi fundado em 2009, nos Estados Unidos, por Brian Acton e Jan Koum. Nascido como uma alternativa para as mensagens via SMS, o aplicativo se consagrou em todo o mundo como uma das plataformas de comunicação mais populares entre os usuários. Em fevereiro de 2014, o WhatsApp foi comprado pelo Facebook Co., desenvolvedor de outra aplicação para redes sociais, mas continua operando como um App (aplicativo) independente.

Com o rápido crescimento da ferramenta, o WhatsApp vem investindo nos últimos anos em melhorias e na adição de novos recursos. Hoje, o aplicativo é gratuito e oferece aos usuários serviços de mensagens de texto e áudio criptografadas, chamadas de voz e vídeo, envio e recebimento de diversos tipos de arquivos, além do compartilhamento de localização entre os usuários.

De acordo com o portal CanalTech (<https://canaltech.com.br/>), o WhatsApp, focado em sua missão, “possibilita que as pessoas se comuniquem sem barreiras em qualquer lugar do mundo”. O WhatsApp tem, atualmente, mais de 1 bilhão de usuários e está presente em mais de 180 países. Ainda de acordo com a companhia, todos os dias são enviadas 55

bilhões de mensagens, 4,5 bilhões de fotos e 1 bilhão de vídeos através do App.

Uma característica importante do aplicativo é que, com o uso de Smartphones e estes conectados a uma rede de internet, existe a possibilidade de formar grupos para os mais variados fins: grupos de estudos, grupos de família, grupos de trabalho além de trocas de mensagens individuais e instantâneas.

Não torna surpreendente que a grande maioria dos estudantes, incluindo estudantes de Medicina, tenha um smartphone e que aplicativos de mensagens instantâneas estejam se tornando uma ferramenta popular de comunicação, em comparação aos e-mails. Nesse contexto de smartphones e mensagens instantâneas para promover a comunicação e o aprendizado, o aplicativo WhatsApp® tem se tornado relevante (PAULINO, 2018: p.171).

Porém, mesmo com tantas características positivas existe uma que torna o uso desse aplicativo o alvo de uma grande preocupação: O tempo gasto no aplicativo diariamente e sem controle, podem aumentar as doenças emocionais, tais como a ansiedade patológica, o estresse e a depressão, que são associadas a este hábito.

Apesar do hábito, tido como vício, em redes sociais, não ser considerado uma doença, ele existe e merece uma atenção especial. Automaticamente nos vemos tentados a checar nossas redes sociais várias vezes ao dia. Quem possui um perfil social quase que instantaneamente busca por novidades e interações ao longo do dia. O que aparentemente não causaria nenhum problema pode se tornar um grande tormento à medida que saia do controle e passa a causar danos sociais.

Se pensarmos o conceito tradicional de comunidade, o sentimento de busca de companhia de interação, ainda está presente, porém elas estão quase que completamente condenadas nas sociedades virtuais. Novas formas de comunidade surgiram, o que tornou mais complexa nossa relação com as antigas formas. De fato, focamos diretamente nos laços sociais e sistemas informais de troca de recursos, ao invés de focarmos as pessoas vivendo em vizinhanças e pequenas cidades, temos relações interpessoais bem diferentes daquelas com as quais nos habituamos. Isso nos remete a mudança que a rede social causou.

Se solidariedade, vizinhança e parentesco eram aspectos predominantes quando se procurava definir uma comunidade, hoje eles são apenas alguns dentre os muitos padrões possíveis das redes sociais. Estamos diante de novas formas de associação, imersos numa complexidade chamada rede social, com muitas dimensões, e que mobiliza o fluxo de recursos entre inúmeros indivíduos distribuídos segundo padrões variáveis.

Essa noção poderia ser entendida como: a *capacidade de interação dos indivíduos*, seu potencial para interagir com os que estão a sua volta, com seus parentes, amigos, colegas de trabalho, mas também com os que estão distantes e que podem ser acessados remotamente. Capital social significaria

aqui a capacidade de os indivíduos *produzirem* suas próprias redes, suas comunidades pessoais (COSTA, 2005: p.239).

Dessa forma o perfil da rede social, a interação com várias pessoas, se torna tão ou mais importante do que os afazeres diários dos indivíduos.

A revista digital “minha vida”, fez uma pesquisa sobre vícios em redes sociais e observou:

Dessa forma, o que era para ser apenas uma foto passa a ser um meio para se sentir bem consigo. O que deveria ser um *like* torna-se um termômetro para saber o quanto cada um é admirado. Assim como ver a foto de alguém com quem se tem vínculo - um relacionamento afetivo, por exemplo - pode ser motivo para um desentendimento. Nossa interação com as redes pode causar até mesmo uma simples mudança de humor que, de início, parece algo inofensivo, mas com o tempo essa reação ganha proporção e pode se transformar em um distúrbio emocional (REVISTA MINHA VIDA, 2019).

O artigo contou com a colaboração da psicóloga do Grupo de Dependências Tecnológicas do IPQ que ponderou: “As redes sociais dão a chance de cada um escrever e corrigir o que quiser. Não é como uma fala em que é necessário ser cuidadoso com o que diz. É possível valorizar a própria personalidade ou até mesmo criar uma que não necessariamente confere com a vida real e ter um retorno positivo. Essa sensação de retorno traz satisfação”, e completou, “Quando, por alguma razão, o acesso não é possível, pode-se sentir uma grande ansiedade e frustração”.

O desgaste emocional e mental que o acesso as redes sociais causam é considerado tão importante, que até mesmo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), criou uma linha de pesquisa especificamente para o assunto, e as grandes bases de dados indexadas “SciELO”, “MEDLINE” e “LILACS”, apresentam cada vez mais publicações sobre o tema com um número cada vez maior de colaborações (LANDIM et al, 2010: p.530).

Além de distúrbios mentais e subjetivos, os vícios em redes sociais podem causar dores musculares, distúrbios de falta de atenção entre outras. Passar horas respondendo e interagindo no WhatsApp, fez surgir uma nova patologia muscular denominada WhatsAppitis, primeiramente descrita por artigo no Jornal Britânico The Guardian.

A WhatsAppitis é o que poderíamos chamar de uma nova versão para a LER – síndrome constituída por um grupo de doenças que afeta principalmente os músculos, nervos e tendões dos membros superiores, pois sobrecarrega o sistema musculoesquelético, devido à repetição dos movimentos. Esse distúrbio provoca dor e inflamação, pode alterar a capacidade funcional da região comprometida, não tem cura e apresenta prevalência maior entre pessoas que trabalham com serviços de digitação e tem postura corporal inadequada na execução das tarefas (FERNANDEZ-GUERRERO, 2014).

Não há como negar que as redes sociais vieram para ficar e suas constantes

atualizações existem para demonstrar isso. Também não há como negar que, essas redes, agem de forma subjetiva na formação do indivíduo e assim de toda uma comunidade.

Rosa & Santos (2014: p.917), conceituam subjetividade na rede social como “à maneira como as pessoas se sentem e pensam com base no que elas vivenciam nas redes, o que abrange os sentidos e significados atribuídos a essas experiências”.

Com o constante uso das redes sociais, aos poucos houve um deslocamento da sociedade para o ambiente virtual, e muitos questionamentos foram feitos, principalmente em como essa nova realidade seria sentida pela comunidade em geral, como ficaria o relacionamento interpessoal e o desenvolvimento individual.

Ainda de acordo com revisões literárias feitas por Rosa & Santos (2014), observou-se que a formação de grupos virtuais segue um padrão. O sujeito procura grupos com visões, similares as suas, também ocorreu uma maior integração de indivíduos que buscam nos grupos afinidades, compartilhamentos de ideias e vivências, sendo assim os grupos em geral apresentam certo grau de identidade. Fato observado no engajamento em várias esferas sociais.

Observa-se nesse momento a chamada sociabilidade virtual que nesta perspectiva, ocorre por meio de grupos e de comunidades que surgem como fator de união que provê meios para inserção social e participação na vida pública e que tendem a favorecer a busca por soluções que tragam benefícios para todos (ROSA & SANTOS, 2014: p.919).

Depois dessas considerações, podemos afirmar com certeza que as redes sociais são fontes subjetivas, pois somam repertórios de vida a informações absorvidas pela comunicação, agindo diretamente na formação do indivíduo e da sociedade em geral. O resultado mais conhecido de todo esse processo são as redes virtuais. Desde seu início, elas sempre foram criticadas pela ausência de contato físico entre seus participantes.

Pesquisas sugerem que essa intensa possibilidade de ver a vida do outro, com quem não se tem contato real, pode trazer ansiedade e frustração. Não por inveja, mas pela comparação quase involuntária entre a própria vida e a vida deles, e pelo medo de se ficar de fora do que está acontecendo (BRIZANTE, 2018: n.p).

Nas redes sociais digitais, a exposição generalizada da intimidade dá margem a novos modelos de exploração das informações pessoais ali depositadas sem autorização prévia.

Neste contexto cibercultural, visibilidade, vigilância, identidade e indexação tornam-se indiscerníveis e remetem à versão up-to-date e transpólitica do ideal utópico e teleológico de uma sociedade transparente, contribuindo para a desvalorização da privacidade. (DAL BELLO, 2011: p. 139).

Estamos vivenciando uma era de transformações com as redes sociais interligando

peças no mundo. Ainda que, desconhecamos como ela agira sobre vários aspectos, podemos citar diversos pontos positivos e negativos dessa rede de comunicação global, ao mesmo que nos dá a sensação de liberdade, também nos sentimos vigiados, não há como ignorar a sua influência na sociedade contemporânea.



## O PODER DA COMUNICAÇÃO

Independente do meio utilizado, a comunicação é indispensável ao ser humano, pois através dela os indivíduos interagem com outros semelhantes e com o meio ao qual estão inseridos.

Saber se comunicar, no entanto, nem sempre é tarefa fácil. É preciso observação, discernimento, consenso para o “comunicar”, e é preciso ser estruturado da maneira correta e no momento oportuno, respeitando o outro, e as suas limitações, pois nem sempre o que comunicamos ou o que queremos comunicar vai chegar da maneira e na velocidade com a qual esperamos.

O homem pode representar-se por aquilo que consegue comunicar ao seu semelhante e em sua sociedade. O que pensamos ou construímos sobre algo ou alguém, dependerá do que se conseguiu comunicar. Assim, por exemplo, se colocarmos lado a lado dois indivíduos, com habilidades profissionais idênticas, a comunicação mais efetiva será o fator decisivo na escolha de algum deles.

Segundo Lucia Santaella (2004: p. 20), um critério adicional para definir comunicação é o de intencionalidade. A autora define intenção como “atividade direcionada a um objetivo, envolvendo, portanto, a validação”. O emissor, tenta por meio da comunicação, influenciar o receptor através de uma mensagem. Sendo que, qualquer que seja a reação do receptor, ela faz parte de um universo de hipóteses das intenções do emissor.

Torquato (1991: p.162), cita que “a comunicação é uma ferramenta importante de eficácia e produtividade”. Fazendo uso da comunicação podemos convencer, persuadir, influenciar, despertar interesses e sentimentos, e ainda provocar expectativas, seja dentro de uma organização ou na sociedade, a comunicação bem utilizada pode estabelecer relações pacíficas ou não, homogeneização e integração de ideias.

A história da comunicação humana permeia a história do processo evolutivo do ser humano. Antes mesmo da fala e da linguagem ser caracterizada, nossos ancestrais mais primitivos, os homens tidos popularmente como “o homem das cavernas”, já se comunicavam por meio de uma linguagem desenvolvida por meio de gestos, sons, expressões e grunhidos.

Posteriormente, na era da escrita, a comunicação passou a ser usufruída dentro de um conjunto de regras manipuladas no tempo e no espaço. Segundo Perles (2007: p.6), antes do alfabeto ter a forma que tem hoje, passou por diversas transformações.

Primeiro surgiram os silabários, que consistiam num conjunto de sinais específicos para representar cada sílaba chegando muito tempo depois ao alfabeto greco-latino (PERLES, 2007: p.6).

Esta transformação, na comunicação, ganha maior importância com o surgimento da imprensa, com o Alemão Johannes Gutenberg, a partir 1438. Desde então, este seria o primeiro passo para ampliação e democratização da escrita. Perles (2007: p.7), sustenta que a tipografia criada por Gutemberg é considerada a gênese da comunicação de massa.

Sua invenção foi ao encontro das expectativas do clero católico, uma das classes sociais mais poderosas na época, que viu na forma impressa, uma maneira de difundir seus dogmas e conhecimentos religiosos.

que se tornou de fato, o primeiro instrumento capaz de ampliar as possibilidades de ideias a partir de uma única fonte. Com este instrumento a disposição, o criador (Gutemberg), produziu cerca de 300 exemplares da Bíblia divididos em dois volumes (PERLES, 2007: p. 7).

A tecnologia mecânica de Gutenberg automatizou o sistema de produção de textos e antecipou-se ao que seria a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra em 1750. Assim, Perles (2007), apresenta a tipografia como início da tecnologia moderna de comunicação, visto que, antes o que tínhamos eram tecnologias primitivas, como o tambor, berrante, fumaça ou arcaicas placas de barro, papiro, pergaminho, entre outros.

O autor ainda apresenta o surgimento do rádio, na esteira do desenvolvimento tecnológico, e as transmissões eletromagnéticas que propiciaram primeiro a criação do telégrafo, (que transmitia apenas código Morse) e salienta que em 1900 foi feita a primeira ligação radiotelegráfica de 300 km, entre Cornwall e a ilha de Wight, na Inglaterra.

Neste contexto histórico, em 1930 houve a “primeira tentativa de colocar no ar uma tecnologia que propiciou ver a imagem em movimento e adicionou a ela o elemento sonoro, rompendo com as experiências estéticas até então vivenciadas por meio da técnica de impressão” (Perles,2007: p.11). A partir desse momento a televisão se tornou o maior meio de comunicação em massa, sendo incrementada com a criação das imagens via satélite.

Mas o processo de integração dos meios de comunicação iria sofrer o mais profundo impacto com o advento da rede mundial de computadores, denominada Internet. A rede planetária surgiu de experiências e pesquisas realizadas para fins militares no final da década de 1950.

O imaginário da cibercultura é permeado por uma polarização que persegue a questão da técnica desde tempos imemoriais: medo e fascinação. O que vemos hoje, com o desenvolvimento da cibercultura (Internet, realidade virtual, cyborgs, hipertexto, etc.) não poderia ser imaginado no início do seu desenvolvimento (PERLES, 2007: p.12).

Os Meios de Comunicação representam os veículos ou instrumentos designados para disseminar a informação entre os homens, como por exemplo, o rádio, a televisão, o telefone, o jornal, a revista, a internet, o cinema, dentre outros suportes e tecnologias

informativos.

A partir do desenvolvimento da ciência e das novas tecnologias, os meios de comunicação têm avançado significativamente, proporcionando a difusão de conhecimentos e aumentando a possibilidade da comunicação em todas as partes do mundo.

De acordo com Silva (2005, p.3) observando o campo e atuação, existem dois tipos de meios de comunicação, a saber:

- Individual: os meios de comunicações individuais estão pautados na comunicação interna, interpessoal (entre as pessoas), por exemplo, a carta (correio), telefone, fax.
- Massa: os meios de comunicação de massa, é mais ampla e externa, como intuito de comunicar a um grande número de pessoas, por exemplo, jornais, revistas, internet, televisão, rádio.

O que faz tão necessário e importante estudar a comunicação e seus diversos aspectos sem dúvida é o poder que ela exerce na sociedade, nas organizações, na educação e na política. A frase: “quem não se comunica se trumbica”, atribuída ao comunicador e apresentador Chacrinha, exemplifica de forma simplista, mas com grande assertividade, o poder e a importância da comunicação em qualquer esfera da sociedade.

Comunicação é diferente de informação que é dado neutro, unilateral. É preciso receber os dados, transformar em mensagem e enviar de forma eficaz para um receptor. Com este diálogo se dá a troca, o resultado. Afirmamos que a comunicação é instrumento de poder, usada ao longo dos séculos por grupos de diferentes etnias, culturas e hierarquias para manipular, sustentar, alienar e transformar a vida das pessoas. Fato que a história confirma (TOME PINA;AHDA, 2013: p.51).

Com muita clareza, Castells (2015: p.57), na busca do entendimento acerca dos modos como operam as relações de poder em nossa sociedade, define poder como:

“o processo mais fundamental da sociedade, já que a sociedade é definida em torno de valores e instituições e o que é valorizado e institucionalizado é definido pelas relações de poder. Porque quem detém o poder organiza e estrutura as instituições da sociedade em função de seus valores e interesses” (CASTELLS,2015: p.57).

Dessa forma, o poder não se localiza em uma esfera social ou instituição específica, mas está distribuído por todas as ações humanas.

“No entanto, há expressões concentradas de relações de poder em certas formas sociais, que condicionam e forjam a prática do poder na sociedade como um todo ao reforçar a dominação. O poder é relacional, a dominação é institucional” (CASTELLS,2015: p. 61).

Nesse sentido é possível compreender a necessidade de adequação de informações ao cunho social envolvido, para assim encontra-se a valorização e aceitação, num sentido

persuasivo e de reconhecimento social.

Max Weber (1991: p.33), apresenta um clássico conceito de poder: “poder significa toda probabilidade de impor a vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade.

Já o sentido do poder para Weber, pauta-se na imposição do interesse e vontade humana frente a regras sociais e a consequente defesa dessas diante de justificativas que poderão proporcionar o poder.

Enquanto que para Foucault:

o poder é menos uma propriedade que uma estratégia, e seus efeitos não são atribuídos a uma apropriação, mas a disposições, a manobras, táticas, funcionamentos; ele se exerce mais do que se possui, não é o privilégio adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas (FOUCAULT, 2006, p. 276).

O sentido atribuído por Foucault já une as duas teorias anteriores, sendo ainda necessários para o poder da comunicação, algumas movimentações estratégicas para convenção e adequações sociais.

As redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, religiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em fluxo contínuo de decisões estratégicas. Segue-se uma divisão fundamental entre o instrumentalismo universal abstrato e as identidades particularistas historicamente enraizadas (CASTELLS, 1999: p. 41).

A sociedade em rede constitui uma estrutura social que resulta em uma unidade na qual seus atores interagem simultaneamente das mais diversas partes do mundo, devido à infraestrutura tecnológica digital baseada na microeletrônica. Enquanto a tecnologia avança observa-se uma certa aproximação das pessoas com esse meio, de uma maneira que viver sem elas parece impossível bem como separar sua influência nos rumos da sociedade atual.

## **TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Tecnologia da informação e comunicação ou TICs, é a área que utiliza ferramentas tecnológicas como suporte informacional, com o objetivo de facilitar a comunicação e o alcance de um alvo comum. Além de beneficiar a produção industrial de um determinado bem, as TICs também servem para potencializar os processos de comunicação.

As tecnologias digitais, segundo Pierre Levy (1999):

surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também

novo mercado da informação e do conhecimento” (LEVY, 1999: p. 32).

As novas tecnologias não podem ser concebidas apenas como ferramentas, mas como processos que constantemente evoluem, gerando novos conhecimentos. A revolução tecnológica é caracterizada pela:

aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de novos conhecimentos e dispositivos de processamento/comunicação da informação (CASTELLS, 1999: p. 69).

É importante frisar que as TICs quando articuladas a uma prática formativa, que leva em conta os saberes trazidos pelo indivíduo, tem desempenhado um papel importante na comunicação coletiva, pois através dessa ferramenta a comunicação flui sem que haja barreira. As redes de computadores permitem as pessoas construir e partilharem conhecimentos, tornando-os seres democráticos que aprendem a valorizar as competências individuais, eles reorganizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais.

## **AS REDES DE COMUNICAÇÃO**

As redes sociais mudaram profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social, como um advento da comunicação mediada pelo computador que, na verdade, veio para reforçar configurações sociais já particulares do ser humano. Mais do que conectarem computadores, conectam pessoas, que se agrupam por relações de trabalho, amizade, relacionamentos ou interesses mútuos.

As redes sociais tiveram seu desenvolvimento principalmente dentro da cibercultura. Como afirma Levy (1999: p. 111), a cibercultura reflete o “universal sem totalidade, pois, ao mesmo tempo em que promove a interconexão generalizada, comporta a diversidade de sentidos, dissolvendo a totalidade”.

A cibercultura possibilita que uma diversidade de movimentos e agentes sociais se conectem e façam críticas aos modelos hierárquicos e verticais hegemônicos de tomada de decisão, como as grandes corporações midiáticas e seus aliados. Nesse sentido, a cibercultura traz a possibilidade de criar novas interações entre culturas individuais e coletivas – inteligência coletiva – no ciberespaço. O autor destaca que a cibercultura seria, então, a cultura dotada de técnicas, valores, pensamentos e atitudes das pessoas que se articulam nesse novo espaço.

não apenas em relação à infraestrutura material, mas quanto ao oceano de informações que a comunicação digital abriga, assim como quanto aos humanos que navegam, habitam e se alimentam desse universo” (LEVY, 1999: p. 17).

Nesse sentido, as redes assumem suas próprias características de acordo com as características de cada indivíduo e através de interações, tornam-se canais de compartilhamento de informação e conhecimento, criando possibilidades para práticas voltadas à realidade social. Informação e conhecimento, dessa forma, configuram-se em instrumentos importantes das redes sociais que podem contribuir com a inovação.

Os processos de inovação perpassam pelos processos interativos entre indivíduos e organizações, sociais e/ou culturais, fundamentando relações e valores provenientes da busca por informação e conhecimento. As redes sociais influenciam a capacidade de inovação, favorecendo assim o desenvolvimento local, econômico e social que só pode resultar em crescimento para a sociedade (BARCELOS & FARIAS, 2016: p.102)

A informação e o conhecimento são elementos essenciais em todos os aspectos da sociedade contemporânea e, graças às evoluções tecnológicas, são transformados a cada instante, dadas as necessidades de cada indivíduo. Essas transformações promovem melhorias socioeconômicas, que fortalecem as interações que fundamentam as redes sociais, estimulando inovações que levam ao desenvolvimento.

Para Capra (2002: p. 267), “as redes têm grande importância para as organizações da era da informação na qual vivemos, quando funções e processos sociais cada vez mais giram em torno das redes. A organização em rede tornou-se um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder”.

O poder que menciona o autor, está relacionado a rede de comunicações da sociedade humana, independente se ocorre dentro ou fora do meio virtual. A influência das informações trocadas nas redes sociais pode afetar opiniões e condutas das pessoas, gerar confiança e transformar seus usuários em seguidores fiéis dos membros ou organizações que estão transmitindo as informações.

De acordo com Recuero (2010: p. 79), “as redes são dinâmicas e estão sempre em transformação. Essas transformações, em uma rede social, são largamente influenciadas pelas interações”.

A comunicação é o elemento organizador entre as redes de informação e seu destino. Desde o período pós-industrial tem sido necessário pensar a importância da informação quanto ao seu conceito, os benefícios que proporciona ao indivíduo e o relacionamento no mundo em que vive (CASTELLS, 2002: p. 99).

Assim, como afirma Castells (2002, p: 268), a informação quando assimilada no seu contexto, produz conhecimento capaz de modificar o estoque mental de informações do indivíduo trazendo benefícios ao seu desenvolvimento e da comunidade em que vive, pois, se o conhecimento não for transformado, ele será apenas um aglomerado de informações sem importância. Dessa forma observa-se que as redes de comunicação

transmitem informações que geram conhecimentos que agem na formação da identidade dos indivíduos.

Com o mesmo entendimento e por influência da psicanálise, Hall (2006: p. 38), explica que a identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes. Não é algo inato. Ela permanece sempre incompleta e está sempre em processo, sempre sendo formada e, por isso, deveria se falar em identificação e não em identidade acabada e fechada.

Portanto, a construção da identidade passa por uma série de fatores que a influenciam diretamente e que não podem ser desconsiderados, como a globalização, o consumismo, a industrialização, os relacionamentos presenciais e virtuais, entre outros e segue sendo ajustada, mas nunca terminada.

É correto compreender que a identidade não é fechada ou coesa, mas que deve ser construída pelo sujeito com o passar do tempo. Nesse sentido, Bauman (2005: p. 59), refere que a identidade não pode ser concebida como um quebra-cabeça montado e completo, mas como um quebra-cabeça incompleto, em que o trabalho deve ser direcionado para os meios que estão disponíveis para utilização na construção da identidade.

Buscando compreender as formas da identidade, é importante a classificação feita por Castells (1999b: p. 24), em “identidade legitimadora”, a “identidade de resistência” e a “identidade de projeto”.

Destaca-se que a primeira dá origem à sociedade, abrangendo instituições e organizações como Igreja, partidos, cooperativas, etc. e, mantém a relação com os aparatos de poder do Estado. Já a identidade de resistência é aquela que leva a formação de comunidades e dá origem à resistência coletiva contra opressões, utilizando-se da força coletiva como uma forma de suportar questões que desvalorizam ou subvalorizam o sujeito. E, a terceira forma é a identidade de projeto, que diz respeito ao resultado das anteriores, no sentido de criar uma nova identidade, redefinindo o papel dos atores sociais na estrutura social (CASTELLS, 1999b: p. 25).

Ao analisar-se a identidade sob o viés do Estado, segundo Bauman (2005: p. 27), é possível observar que a identidade nacional era o marco da soberania estatal, o que possibilitava, inclusive, o uso da força para que a mesma fosse protegida, uma vez que outras identidades não eram aceitas inicialmente e, com a evolução, passaram a ter um pequeno espaço desde que não violassem o poder do Estado.

Mas, Bauman (2005, p.95), explica que como o Estado não tem mais o poder de proteção do seu território e habitantes, há um renascimento do nacionalismo, buscando soluções locais para problemas locais embora é preciso ter cuidado com isso, já que os

problemas globais só podem ser resolvidos por ações globais. Ou seja, as identidades locais, não tem o poder de resolver os problemas causados pela globalização e, na situação atual, somente com respeito e atenção mútuos é que tem condições de garantir a segurança e prosperidade de todos.

A ampliação do debate acontece quando se insere a identidade do sujeito no contexto tecnológico, principalmente em razão da fluidez das relações humanas e das diversas possibilidades de construção da identidade, que pode ser influenciada pelo uso das novas tecnologias, em especial pela internet e pela globalização, estabelecendo contatos com pessoas e empresas em locais diferentes do seu e, inclusive, possibilitando encontros reais por meio de contatos virtuais.

A influência da globalização e das redes na formação das identidades é crucial já que o Estado não tem, segundo Bauman (2005: p. 34), “poder ou desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação”, o que significa a busca por novas garantias em ambientes até então desconhecidos, caracterizando assim, a força centrífuga do sujeito e dos grupos a que está vinculado ou buscando vinculação. A globalização pode causar a chamada crise de identidade e enseja discussões pois, como refere Hall (2006):

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado”(HALL, 2006: p. 7).

Nesse ponto, Hall (2006: p. 77-78), destaca que um dos efeitos da globalização é alargar o campo das identidades, em uma contra tendência, levando ao fortalecimento das identidades locais ou produzindo novas identidades. O local, refere o autor, não deve ser entendido como as velhas identidades, fechadas e enraizadas em um determinado espaço, mas sim, como atuante no próprio espaço da globalização, sendo essa a razão pela qual a globalização não irá substituir o local.

Embora Hall (2006: p. 75), esclareça que a influência do mercado e do consumismo, também acaba dificultando o sujeito de estabelecer uma identidade, como se houvesse um supermercado cultural, fazendo inclusive com que tal sujeito perca seus referenciais sobre a nacionalidade, dando valor extremado para o que vem de fora.

Castells (1999b), chama a atenção para o fato de que:

a era da globalização significa também o ressurgimento do nacionalismo, que tem sua base nos desafios impostos ao Estado-nação e também na reconstrução necessária de identidades baseadas na nacionalidade, o que significa a oposição ao outro, entendido como estrangeiro (CASTELLS, 1999b: p. 44)

Assim, é possível perceber as interações existentes entre a sociedade e a tecnologia da informação, especialmente no contexto contemporâneo, com o uso dos computadores



e da internet.

Até pouco tempo atrás, quando se falava em comunicação midiática, imediatamente era entendida como rádio, cinema e, especialmente, televisão. Com a constante evolução nos meios digitais e na tecnologia, os computadores e a internet surgem como importantes formas de comunicação entre as pessoas.

## **REDES SOCIAIS VIRTUAIS**

As redes sociais digitais ou virtuais é algo relativamente novo, mas que já se introduz num contexto de extrema importância na sociedade contemporânea. Estamos na era das redes sociais virtuais, que entretêm milhões de usuários no mundo todo. Estas redes alcançaram um crescimento expressivo nos últimos anos e são responsáveis por conectar diversas pessoas, umas com as outras, possibilitando o crescimento da rede relacional destes usuários, oferecendo amplo acesso à informação. As redes virtuais possibilitam transformações nos vínculos pessoais e sociais, já que, por meio delas, é possível criar comunidades, relações variadas e laços afetivos entre sujeitos, situados em qualquer parte do mundo, com o compartilhamento de vivências, ideias, percepções e sentimentos, com facilidade e rapidez.

As redes sociais virtuais são ambientes dinâmicos, com participação na produção e veiculação de informação, e assim como em ambientes não virtuais, também podem ter momentos de conflitos e lutas de interesse.

São sistemas abertos, e em construção permanente possuindo como característica principal a grande capacidade de transmissão de informação. Estar em rede significa ser capaz de fazer uso da capacidade de ser sujeito (ativo e responsável), sugerir mudanças, administrar complexidades e incentivar a articulação, o fortalecimento e, se necessário, a (re)construção contínua das redes (ROCHA, 2005: p. 3).

As redes sociais virtuais, utilizam a Internet através das TICs, e unem pessoas com interesses em comuns. Cada pessoa, ou um grupo de pessoas, se conectam a outras pessoas, de acordo com seu interesse, com seu sentimento, ideologia, ou seja, com o que ele considera mais importante para sua vida. O indivíduo utiliza a rede social para receber e enviar seus pensamentos, ideias, informações e conhecimentos. Dessa forma, Felice (2012: p.12), afirma que as redes sociais são:

- “Construídas pela apropriação”: através da comunicação entre os indivíduos, os espaços passam a ser utilizados em conformidade com as características de cada grupo social, ou seja, se apropriam criando sentidos diferentes para as ferramentas.
- “Circuladoras de informação”: através da interação entre as pessoas, a informa-

ção é veiculada, havendo, portanto, um filtro, sendo que as pessoas do grupo a que pertencem, escolhem repassar as informações que forem mais pertinentes ao grupo.

- “Espaços de conversação”: através da comunicação, as pessoas podem discutir fatos que influenciam suas vidas.
- “Potenciais espaços de mobilização”: partindo dessa comunicação, do acesso a informação e o compartilhamento de interesses comuns, a rede se torna um espaço de mobilização social.

Rede social significativa compreender o conjunto de todas as relações que um sujeito entende como significativas ou diferenciadas das demais relações estabelecidas, configurando-se como o grau relacional interpessoal e contribuindo para o reconhecimento enquanto sujeito, para a construção de identidade, para o sentimento de bem-estar, pertença e autonomia. Como um sistema aberto, as redes sociais permitem aos membros de uma família ou comunidade se beneficiarem das múltiplas relações que estabelecem e favorecem seu desenvolvimento (BORGES & FARIA, 2017: p.160).

As redes sociais virtuais caracterizam-se como um dos principais recursos que um sujeito dispõe no que se refere ao apoio recebido e percebido, havendo associação entre desenvolvimento humano saudável e qualidade das redes sociais que um sujeito mantém. Os membros da rede social, num contexto comunitário desempenham funções importantes na vida do sujeito, auxiliando nas soluções de problemas, oferecendo orientações e companhia, formando um vínculo de aparente proximidade e intimidade, exercendo influência nas relações interpessoais entre o sujeito, sua família e seu entorno social, e até mesmo na sua saúde. A qualidade das relações está associada com a história, intensidade e frequência que o sujeito utiliza as redes.

Torres (2009: p.113), caracteriza as redes como “sites na internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas”. E as define como:

- Redes sociais de relacionamento

As redes sociais de relacionamento têm como objetivo principal ligar pessoas e fomentar a produção e o compartilhamento de conteúdo. Facebook, Instagram, WhatsApp, Twitter e Google Plus são alguns exemplos dessa categoria.

- Redes sociais de entretenimento

Por sua vez, as Redes Sociais focadas em entretenimento são aquelas em que o objetivo é o consumo de conteúdo. Youtube e Pinterest são as plataformas que sustentam esse ideal.

- Redes sociais profissionais

Até mesmo o mercado corporativo colhe os benefícios das redes sociais. O LinkedIn é o principal exemplo de rede profissional e, por meio de sua plataforma, os usuários podem fazer networking, conhecer e contatar empresas, acessar e divulgar vagas e projetos, participar de grupos de discussão profissional, entre outros.

- Redes sociais de nicho

Por último, as redes sociais de nicho são conhecidas por serem voltadas para um nicho de mercado altamente segmentado. Um bom exemplo nessa categoria é o Skoob, uma rede social voltada para leitores.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no final de 2018, publicou os resultados de uma pesquisa sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), que constatou que pela primeira vez praticamente dois terços da população do país (69,8%), possuem conexão com a internet. A pesquisa mostrou que em 2017, o Brasil possuía 126,3 milhões de usuários de internet. Entre eles, os usuários com mais de 60 anos ainda é o menor grupo etário de usuários conectados, se comparado a quantidade total da população de pessoas deste grupo, com apenas 31,1% de toda a população idosa do país conectada na internet. Enquanto isso, os jovens entre 20 e 24 anos são os mais conectados, com 88,4% de toda a população do país nessa idade, possuindo acesso à rede. Apesar de várias utilidades, a internet ainda é usada principalmente para fins de comunicação. De acordo com a pesquisa, 95,5% dos usuários acessavam a internet para trocar mensagens de texto, voz ou imagens através de aplicativos.

O número de usuários aumentou nas cinco regiões do país, e também nas áreas rurais. Segundo a pesquisa, 3,9 milhões de residências rurais do país possuíam ao menos um morador que acessava a internet. Apesar disso, os números ainda são baixos quando comparados ao panorama geral, e mostram que apenas 41% (menos da metade) de toda a população rural do país está conectada à internet, enquanto entre a população urbana essa proporção é de 80,1%. Os aparelhos de smartphones são os principais meios de acesso, com 97% das pessoas acessando a internet por meio de seus celulares. Quanto as redes sociais virtuais mais utilizadas: Facebook (90%), Whatsapp (89%), Youtube (82%), Instagram (36%).

A internet tem levado a criação de novos espaços virtuais e sociais na vida das pessoas, oferecendo-as novas perspectivas na vivência de conhecimentos bons e ruins.

Guattari (1992: p.14), destaca que a modernidade tecnológica e científica, com toda comunicação e informação que produz, opera na produção da subjetividade do indivíduo, “não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua

sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes”. Isso, segundo o autor, reforça a definição de que a subjetividade é produzida “heterogeneamente, por múltiplas instâncias que mantêm relação com o sujeito, como família, educação, meio ambiente, linguagem, religião, arte, esporte, mídia, cinema e outras”.

Atenta ainda para o fato de que os avanços tecnológicos tendem a homogeneizar e modelizar as subjetividades, mas não é por isso que se pode dizer que essas transformações são apenas negativas, tampouco somente positivas. “A produção da subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior... tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação” (GUATTARI, 1992: p.15).

A internet representa, sem dúvida um modo de produção subjetiva contemporânea, um lugar, mesmo que virtual, de produção de valores, costumes, linguagem.

Como descrito, a maioria dos usuários das redes virtuais são jovens que passa conectada às plataformas digitais mais de quatro horas por dia.

Autores como Bordignon & Bonamigo (2017: p.322), identificaram com quais intenções a maioria dos jovens procuram as redes:

“a possibilidade de receber um número muito grande de informações das mais diversas; poder manter contato com pessoas que moram longe; a curiosidade, já que outros amigos já eram usuários das redes virtuais de relacionamento; a possibilidade de acompanhar a vida de várias pessoas, por meio de suas publicações (de imagens e mensagens); a possibilidade de se tornarem membros de grupos virtuais de conhecidos com interesses em comum; e a facilidade de poder conhecer pessoas virtualmente e por meio desse contato iniciar novos relacionamentos” (BORDIGNON & BONAMIGO, 2017: p.322).

Considerando os motivos que levam a adesão dos jovens às redes sociais virtuais, as autoras procuraram compreender os processos de produção de subjetividades pelas redes sociais virtuais nesses jovens. Chamam a atenção para o fato de que essas redes estimulam os jovens a exporem sua vida por meio de vídeos, imagens, mensagens e depoimentos pessoais, exteriorizando, portanto, suas subjetividades. Com isso, há a possibilidade de encontrar afinidades ou se identificar com outras pessoas, mediante suas publicações. Também se observaram que as plataformas digitais ou virtuais estimulam os jovens a fazerem várias coisas ao mesmo tempo, com rapidez, não permitindo que foquem sua atenção em alguma tarefa específica. Por conseguinte, compreende-se que surgem novas maneiras e possibilidades de interação entre as pessoas, e entre elas e as informações das mais diversas.

Por fim, conclui-se que as redes sociais virtuais que configuram a sociedade contemporânea podem contribuir para a homogeneização das subjetividades, ao veicular e uniformizar modos de ser, pensar, sentir e perceber. Porém, podem também implicar produção de subjetividades singulares, como foi

possível notar nos comentários de alguns dos jovens pesquisados, que mostraram a originalidade de sua expressão mediante aquilo que é oferecido pelos meios digitais, questionando as circunstâncias em que se encontram e produzindo formas inéditas de viver e de se relacionar com o meio (BORDIGNON & BONAMIGO, 2017: p.324).

Uma vez detectado que o uso das redes, agem subjetivamente em cada indivíduo, podemos pensar que apesar dos vários benefícios que as redes sociais promovam, como estreitar as fronteiras e facilitar a vida das pessoas, é importante destacar que o uso excessivo pode trazer prejuízos.

A possibilidade de se comunicar em redes online pelos computadores e Smartphones, permitem uma maior facilidade de acesso aos indivíduos, já que para isso, basta apenas ter o aparelho móvel e internet. Todavia tal comportamento, pode atrapalhar o cotidiano das relações pessoais, especialmente o convívio com seus pares (por exemplo, familiares, amigos, colegas de trabalho), já que o indivíduo, mesmo na companhia de pessoas, pode permanecer conectado às redes sociais e negligenciar os momentos compartilhados.

Observa-se negativas que a opção de permanecer muito tempo conectado apresenta evidentes interferências na rotina do indivíduo, pois não desfrutam da presença física de outras pessoas de modo adequado, e ainda se colocam em uma condição de vulnerabilidade frente aos problemas de saúde por exemplo, depressão, ansiedade, solidão (FONSÊCA et al, 2018: p.204).

Silva (2018: p.13), discorre sobre aspectos dessas novas tecnologias que podem causar mudanças significativas na forma das pessoas lidarem com a realidade, podendo ser alterações cognitivas, comportamentais e sociais, que podem, posteriormente, afetar e muito a saúde mental de seus usuários. Entre os aspectos influenciadores está a instantaneidade, a estimulação excessiva e a superficialidade das relações interpessoais. Afirma ainda que o mau uso dessas mídias também pode evocar, potencializar ou intensificar transtornos ou comportamentos disfuncionais, entre eles: alteração do sono, isolamento, depressão, transtornos de ansiedade.

Moromizato et al (2017: p. 500), descrevem os mesmos transtornos, dentre outros, associados ao uso da internet, porem em um estudo realizado com estudantes de medicina.

São diversos os efeitos deletérios relacionados à AI (Adicção por internet), como alterações na qualidade do sono, na nutrição e na atividade física, menor desempenho acadêmico ou profissional e prejuízo nos relacionamentos interpessoais. Além disso, diversas pesquisas relacionam a AI aos transtornos de humor, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtorno de uso de substâncias, ansiedade, ansiedade social, solidão, baixa autoestima, menores níveis de atividade física, hostilidade e comportamento agressivo, comportamento compulsivo, impulsividade, maiores taxas de transtornos de personalidade, menor felicidade e vitalidade subjetivas, prejuízos na saúde mental de forma geral e suicídio (MOROMIZATO et al. 2017: p. 500).

Segundo os autores Moromizato et al. (2017: p. 499), adicção por internet (AI), dependência, uso patológico, vício ou uso problemático são termos utilizados como sinônimos na literatura para nomear esse uso desadaptativo. Esse transtorno é descrito como uma preocupação intensa com o uso da internet, uso compulsivo, gasto de tempo excessivo na *web*, incapacidade para manejar esse tempo, considerando ainda o mundo sem internet desinteressante, irritabilidade no caso de ser interrompido quando está conectado e diminuição dos relacionamentos sociais por causa desse uso.

Para MORONIZATO et al (2017: p.1), o acesso rico a informação, a comunicação instantânea e ao entretenimento fez crescer exponencialmente o número de usuários das redes sociais digitais nos últimos anos, que chegou a 2,5 bilhões em todo o mundo, tendo como grupo majoritário adolescentes e adultos jovens. Paralelamente aos benefícios, emergem os efeitos prejudiciais, principalmente a saúde desses usuários. Conseguir equilibrar esses dois pontos, e aumentar o número de benefícios e o grande desafio quando se fala em rede social virtual.

# A MENTE HUMANA E SEU ADOECIMENTO COM A COMUNICAÇÃO

Iniciaremos com um breve histórico sobre conceitos pré-estabelecidos para colocarmos a abordagem que adotaremos no desenvolvimento deste capítulo. Souza et. al (2019: p.125), em trabalho recente sobre definições de saúde, fizeram um histórico sobre o tema, que tem sua definição mais conhecida, feita primeiramente pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1946, definindo saúde não apenas como a ausência de doença, mas como o perfeito bem-estar físico, mental e social. Em 1977, segundo o mesmo autor, surgiu o conceito de Christopher Boorse, definindo saúde somente como a ausência de doença.

A partir desses conceitos, a classificação dos seres humanos como saudáveis ou doentes passou a ser unicamente uma questão objetiva relacionada a eficiência das funções biológicas. Ainda de acordo com Souza (2019: p.125), a declaração final da Conferência Internacional de Assistência Primária a Saúde, realizada na cidade Alma-Ata em 1978, promovida pela OMS, enfatizou as desigualdades na situação de saúde entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, destacando a responsabilidade governamental na provisão da saúde e a importância da participação de pessoas e comunidades no planejamento e implementação dos cuidados.

Em 1986, a Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde em Ottawa, baseou-se em conceito ampliado de saúde que envolvia condicionantes e determinantes do processo saúde-doença e avançava para além da percepção de saúde como ausência de doença. A Carta de Ottawa, resultado dessa Conferência, reforça a relação indissolúvel entre população e meio, no processo saúde-doença, com base em uma abordagem sócio-ecológica da saúde. A saúde passa a ser entendida como um princípio orientador e estimulante da efetiva contemplação de questões relacionadas aos agravos que as injustiças sociais e os problemas ambientais produzem na saúde, assim como a criação de ambientes favoráveis, como afirmam Souza et. al. (2019: p.126).

A definição de saúde e seu histórico são fundamentais para contextualizar que o meio ambiente biológico, psicológico e social, representados pelo contexto físico e cultural onde o indivíduo vive, assim como na criação de hábitos, manias, crenças, costumes e vícios, dentre outros aspectos, que relacionados ao uso da comunicação, por meio das tecnologias contemporâneas de informação, podem causar doenças ou a redução do bem-estar social dos indivíduos.

Sergio e Ferraz, (1997: p.539), acrescentam que as injunções sociais atuam sobre este aparato complexo que é o sujeito. O estilo e o ritmo de vida impostos pela cultura, a modalidade da organização do trabalho, a vida nas metrópoles, entre tantos outros fatores,

poderiam fazer pensar, até mesmo, em uma suposta unidade “sóciopsicossomática”, que faria esse sujeito pré-disposto a sofrer algum tipo de agravo em sua saúde.

Assim sendo a abordagem “de dentro para fora” do ser humano, onde o que mais conta é o subjetivismo do indivíduo, recorrendo-se inclusive à teoria e à vivência psicanalítica para a sua fundamentação em relação provável adoecimento do sujeito é acrescentada da participação da comunidade (SERGIO E FERRAZ, 1997: p.539).

Partindo do pressuposto de que a cultura é um fenômeno total e que, portanto, provê uma visão de mundo, as pessoas podem então compartilhar e orientar os seus conhecimentos, práticas e atitudes. Assim, a questão da saúde e da doença está contida nessa estrutura, na visão do mundo e práxis social. Os hábitos de uma pessoa, a sua maneira de interagir com os indivíduos mais próximos a ela e a maneira na condução do uso das novas tecnologias de informação, podem agir de forma singular em sua condição de saúde.

Cultura pode ser definida como um conjunto de elementos que mediam e qualificam qualquer atividade física ou mental, que não seja determinada pela biologia, e que seja compartilhada por diferentes membros de um grupo social. Trata-se de elementos sobre os quais os atores sociais constroem significados para as ações e interações sociais concretas e temporais, assim como sustentam as formas sociais vigentes, as instituições e seus modelos operativos. A cultura inclui valores, símbolos, normas e práticas (LANGDON e WIIK, 2010: p.176).

Continuando esse raciocínio, cabe aqui citar a apresentação do conceito de *habitus*, elaborado por Pierre Bourdieu, ressaltando a princípio o seu caráter instrumental para se analisar a realidade social. Este termo diz respeito a implicações sofridas por um ser social as quais lhe fazem assumir determinada posição na sociedade.

O *habitus* pode ser compreendido como um conjunto de disposições de ações estabelecidas e aprendidas, as quais não existem a partir da racionalização do ser que as pratica.

Trata-se de “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Dessa maneira, o *habitus* mostra a forma como a sociedade age sobre o indivíduo, trazendo novos modos de ação e pensamentos de maneira a fazer revigorar no presente, algumas experiências passadas. É a partir do processo de socialização que o *habitus* acontece e é por meio dele que ocorre uma incorporação social de maneira mais estável, porém não definitiva.

De acordo com os apontamentos de Bourdieu, *habitus* é uma espécie de mediação



entre a realidade interior, individual, e a realidade exterior. Uma internalização do que é externo ao indivíduo.

Partimos de uma noção de saúde, que pode se constituir pelo social, assim como pelas diferentes necessidades e processos individuais, que estão organizados na experiência.

Essa discussão terá como base a teoria da subjetividade desenvolvida por González Rey. Trata-se de uma perspectiva que, fundamentada no enfoque histórico-cultural, privilegia uma visão que integra os aspectos sociais e individuais, assim como recupera a pessoa na condição de sujeito nos processos de saúde e doença, muito bem detalhada por Mori e Rey (2012: p.140). Nesse texto os autores realizam considerações sobre o fato da subjetividade do indivíduo não ser apenas resultado de suas vivências, mas de estar relacionada com as constantes mudanças sociais enfrentadas ao longo da vida, fazendo com que a subjetividade apresente várias facetas.

Assim, não é cópia, nem internalização do social, mas nova produção que acontece como resultado das múltiplas e simultâneas consequências do “viver” do homem. Nesse processo, suas próprias ações são fontes dos processos de subjetivação que se configuram na sua experiência (MORI; REY, 2012, p143).

Interessante nesse texto é o fato dos autores considerarem a existência de uma subjetividade social, ou seja, a sociedade sofre mudanças ao longo do tempo absorvendo novidades, sofrendo impactos, que geram alterações de comportamentos.

A importância de se comentar sobre subjetividade individual e social, quando falamos de saúde e doença, está relacionada na relação de como o indivíduo e a sociedade encaram a doença, a saúde e as formas de tratamento, bem como as causas desse adoecimento. O que pode ser considerado um hábito saudável para alguns indivíduos, em uma época da vida, pode ser considerado nocivo em outra, bem como uma mudança de hábito pode ocorrer no momento de uma mudança de gerações, de um grupo de trabalho, ou mesmo num estado de adoecimento. O mesmo ocorre com a sociedade, com o advento de novos exames e pesquisas, descobrindo novas doenças e ao mesmo tempo novas formas de tratamento para doenças ditas “antigas”. Nesse sentido, a sociedade renova os seus conceitos, atravessa transformações, gera novas informações, cria novos hábitos, se transforma, alterando populações de forma coletiva e agindo na formação subjetiva de cada indivíduo.

Dessa forma o processo doença-saúde não segue uma regra básica. O preconceito em relação a pessoas doentes ou incapacitadas tem impacto nas pessoas que sofrem discriminação e evidenciam as ações de uma sociedade, o que nos remete a dimensões

complexas individuais, sociais e culturais, que se entrecruzam nesse campo. As questões sobre condições de vida, de emprego, do trabalho, da qualidade de vida no sentido social e individual, entram na definição do que é saúde.

A saúde não deve ser associada a estado de normalidade, é um processo no qual a pessoa participa de forma ativa na qualidade de sujeito. A saúde é uma expressão plurideterminada (combinam-se fatores genéticos, sociais, psicológicos), e seu curso não é decidido pela participação ativa do homem de forma unilateral. (MORI e REY,2012, p143).

A saúde é silenciosa, geralmente só percebida quando a perdemos ou quando adoecemos. É uma experiência individual única, que envolve o indivíduo e toda sua complexidade. Se definir saúde perpassa por todo um conjunto de subjetividades o mesmo ocorre para definir a ausência de saúde: a doença.

Por vários séculos a definição de doença vigente era essencialmente pautada no modelo biomédico, que trazia em seu interior, o entendimento de saúde, como ausência de doença, excluindo a dinâmica social e subjetiva do sujeito.

Foucault (1963), em sua obra “O Nascimento da Clínica”, atenta para um período significativo na história da medicina, quando ocorre o desenvolvendo de um discurso médico, direcionado a compreender o surgimento da doença, a partir da lógica da observação anátomo-patológico, por meio de um olhar classificatório, que fragmenta e especifica análises para chegar a ordem racional da doença. O diagnóstico passa a ser feito com base em um sistema classificatório de doenças, limitando-se a perguntar onde dói, já que a doença passa a ter sede em um órgão e a intervenção médica se faz baseada em normas e padrões fixos, que definirão o objetivo e o curso do tratamento.

O conhecimento das doenças é a bússola do médico; o sucesso da cura depende de um exato conhecimento da doença; o olhar do médico não se dirige inicialmente ao corpo concreto, ao conjunto visível, a plenitude positiva que está diante dele, o doente, mas a intervalos de natureza, a lacunas e a distância em que aparecem como em negativo, os signos que diferenciam uma doença de outra, a verdadeira da falsa, a legítima da bastarda, a maligna da benigna (FOUCAULT, 1963, p.47).

Igualmente ao contexto histórico do conceito de saúde, o conceito de doença também foi construído e modificado diversas vezes ao longo da história. As definições se transformam continuamente, estando intimamente relacionadas aos contextos histórico, geográfico, político, social, econômico e cultural de uma sociedade em seu período. Essas definições envolvem desde ações relacionadas a políticas públicas de um determinado Estado, a comportamentos da população diante das questões de saúde apresentadas em seu ambiente, possibilitando diversos manejos e formas de cuidado.

Dessa forma, aos poucos, como descreve Sciar (2007: p.38), o conceito de

doença baseado apenas nas condições fisiológicas do indivíduo, descrito por Foucault, foi substituído pelo que passou a tratar doença como um desequilíbrio em todo meio que o indivíduo esteja inserido, incluindo aspectos ambientais, culturais e socioeconômico.

Equilíbrio é a palavra que define o bem-estar humano, considerando o indivíduo um ser único, com suas vivências, escolhas e envolvimento culturais, não sendo impossível, não pensar em como alguns fatores agem, por vezes até subjetivamente nesse indivíduo, alterando essa condição de vida e de saúde.

As disposições não são nem mecânicas, nem determinísticas. São plásticas, flexíveis. Podem ser fortes ou fracas. Refletem o exercício da faculdade de ser condicionável, como capacidade natural de adquirir capacidades não-naturais, arbitrárias. São adquiridas pela interiorização das estruturas sociais. Portadoras da história individual e coletiva, são de tal forma internalizadas que chegamos a ignorar que existem. São as rotinas corporais e mentais inconscientes, que nos permitem agir sem pensar. O produto de uma aprendizagem, de um processo do qual já não temos mais consciência e que se expressa por uma atitude "natural" de nos conduzirmos em um determinado meio (BOURDIEU, 2001: p.189).

O envolvimento humano ao seu mundo circundante, junto ao seu meio ambiente, possibilita formas plásticas de se adaptar realidades em suas necessidades, portanto, o indivíduo em seu aspecto humano torna-se um objeto de constante busca em uma adaptação na estrutura social em que vive. A partir disso, este indivíduo aprende, usa, imita, constrói e dissemina, tendo amparo na comunicação em suas diferentes formas e meios, atravessando possibilidades de interpretações subjetivas que podem servir como base para doenças ou patologias relacionadas a mente, na intenção de absorção, disseminação ou compreensão de mensagens ou intenções sociais.

## **O COMPARTILHAMENTO E AS CONEXÕES DA MENTE**

Após a compreensão do termo subjetividade, apresentada no capítulo 1, partimos então para a construção da relação entre o termo e suas associações com conceitos apresentados para definição de saúde/doença do indivíduo e da sociedade. Percorreremos assim, uma breve exposição sobre o funcionamento da mente humana.

A mente humana tem seu funcionamento no corpo como um processo que interliga funções, objetivos e ações. Trata-se de um processo físico que acontece no cérebro quando interage ao corpo e este ao seu mundo circundante.

Para Moscovici (2003), as representações dos fenômenos sociais são criadas para adaptar o estranho ao familiar. O autor ainda afirma que as relações entre membros de determinada cultura, criam as representações que possibilitam seu compartilhamento com o mundo circundante. Nesse sentido, o cérebro e o corpo tem sua estrutura como um

organismo vivo, conectado por uma rede neural complexa, ativada por sinais químicos que circulam na corrente sanguínea.

O cérebro humano é complexo e único, possível de aculturação e condicionamento. Nesse sentido, Myers (2006), apresenta o ser humano apto a receber para perceber, armazenar e recuperar informações. Assim é possível fazer uso de um sistema cognitivo, associando e processando estímulos de impulsos neurais, distribuindo-os e agrupando-os em imagens percebidas, claras e distintas.

No século XVII, o filósofo *John Locke* foi um dos primeiros a teorizar que a mente humana nasce vazia, como um papel em branco, e que a personalidade seria fruto das experiências. Nesse sentido, a cultura representa o ambiente circundante, com a capacidade de construir cotidianamente a realidade através de estímulos recebidos pelo corpo e suas identidades atribuídas. As imagens, fixas ou em movimentos, são absorvidas e provocam outros estímulos quando relacionadas ao repertório do indivíduo, estruturando-se a subjetividade bastante significativa nas interpretações do saber e para a construção de conhecimento.

A atenção nas imagens em movimento, nos sons e nos fenômenos sociais são de significativa importância, com base nas construções cognitivas. Assim, a atenção mostrou-se ser um problema persistente na absorção e no processamento do contexto das ciências sociais e comportamentais.

Para Ballone (2005), a comunicação humana tem duas fases igualmente importantes: a primeira é expressar a emoção. A segunda é permanecer aberto e experienciar a resposta do outro. Ao construir a relação entre um fenômeno, sua absorção e o funcionamento interpretativo por parte da mente, se cria poder para a estrutura de comunicação e percebe-se uma tentativa de criação de uma linguagem específica, carregada de subjetividade. Tal linguagem é rodeada de sofrimento, anseios, expectativas, dentre outros sentimentos humanos. Assim, consideramos dois tipos de fenômenos de imagens, tendo o corpo como receptor e o ambiente para o processamento de sentido. Leão (2013), apresenta a construção subjetiva da mente, a partir da comunicação e de nossas percepções:

Se a informação que temos das coisas é baseada em percepções da realidade e não em verdades absolutas, quando comunicamos este é um dos maiores erros de comunicação, ou seja, partir do princípio que a nossa perspectiva é factual e a única verdadeira. Paralinguisticamente a comunicação ainda se torna mais subjetiva, ou seja, a entoação das palavras, o tom como são proferidas contribuem para o significado da mensagem verbal mas mais uma vez, interpretadas de acordo com a referência subjetiva do receptor da mensagem (LEÃO, 2013).

O compartilhamento das informações, a partir da observação de fenômenos, ativa

“brilhos especiais” no cérebro, na complexidade da rede neural da mente e remete a novas combinações mentais para futuras construções.

A mente atua como um processo e sendo assim é ativada por alguma conexão de imagem ou som, que interage com o subjetivo humano, construindo o novo, pronto para ser compartilhado. Nesse sentido, o homem absorve o mundo circundante, torna-se crítico diante de suas realidades e prepara-se para uma socialização. É neste momento de socialização que a mente combina fatores que funcionam como protocolos sociais, preparando verbalizações ou outros tipos de comportamentos que poderão, de forma facultativa, ser aceitos por seus pares na sociedade.

Castells (2015), apresenta “Os moinhos da mente”, como o cérebro e o corpo, constituindo um organismo integrado e complexo, conectado por redes neurais, ativados por sinais químicos que circulam na corrente sanguínea e por sinais eletroquímicos enviados pelos feixes nervosos.

As imagens em nosso cérebro são estimuladas por objetos ou eventos. Nós não reproduzimos eventos, mas os processamos. Os padrões neurais levam as imagens mentais, e não o contrário. As imagens primárias nas quais a mente opera se originam no corpo ou por meio de seus sensores periféricos (por exemplo, o nervo ótico). Essas imagens são baseadas em padrões neurais de atividade ou inatividade relacionada com o interior do corpo ou com seu ambiente externo. (CASTELLS, 2015 p.194)

A consciência humana, a partir da mente e suas possibilidades de construções, emergem da necessidade de se buscar um número maior de imagens, sons e quaisquer tipos de interações ao mundo circundante para combiná-las junto às memórias e assim integrar tudo num processo mental. Quanto maior a absorção, maior será as combinações e maior ainda será a possibilidade da mente em resolver problemas de criatividade e inovação.

## **A Ação das Mensagens em Redes Sociais e a Subjetividade**

A mídia comunicativa, como meio comunicativo, em específico a comunicação humana através das redes sociais e em específico, por meio do aplicativo WhatsApp, oferece combinações semânticas para construções de significados que nem sempre encontram interpretações coerentes sob a ótica da subjetividade, ou seja, o volume de informações disseminados por estes aplicativos, ativam pontos na mente humana e produzem um volume fragmentado de conhecimentos, baseado em muitas informações que nem sempre alcançam uma totalidade ou uma construção a fim de que se possa solidificar algum conhecimento.

Maffesoli (1996), apresenta a estrutura comunicacional que nos rodeia como

uma mescla de tempo e espaço, ignorando o amanhã e buscando a promoção de um agora eternizado. Nesse sentido as redes sociais e o aplicativo WhatsApp, potencializam esse contexto, introduzindo a ansiedade e a busca pela simultaneidade. A velocidade proporcionada pelo digital emerge na sociedade, levando o indivíduo a deixarem de lado as tradicionais rotinas.

O homem é capaz de absorver o mundo circundante, aprender e assim buscar desenvolver-se através de socializações. Assim, é possível criar e acompanhar métodos que permeiam habilidades e competências humanas ao longo da sua vida e das interações.

Del Prette e Del Prette (2008), apresentam a necessidade das relações interpessoais e o desenvolvimento e a socialização. Assim, as concepções do desenvolvimento humano possuem papel fundamental nas interações organismo-ambiente, em especial o ambiente social.

Observando fenômenos do mundo circundante, inclusive considerando as novas formas de comunicação, é possível alimentarmos o cérebro humano e assim buscar a evolução e um aprendizado, que socialmente pode ser apresentado como condicionado a ordem e a regras sociais.

Manifestações humanas podem ser recepcionadas pelo cérebro, que por sua vez inicia o processo de combinações mentais, através de redes neurais e de impulsos ou produções de fatores químicos, neurológicos, afim de preparar a mente para construções de desenvolvimento ou da socialização adequada do homem. Informações são recepcionadas num formato de som, imagens ou outros tipos de manifestações e assim soma-se aos fatores cognitivos da mente humana, da subjetividade e estruturam-se no novo, pronto para ser novamente socializado, requerendo e atribuindo novas identidades, representações, significados e comportamentos.

Diversos fatos de impacto social, noticiados na mídia como jornal rádio e televisão, sofrem grande repercussão quando veiculados pelo aplicativo WhatsApp, comunicação esta que é carregada de subjetividade, quando mediada.

Usuários em diversos contextos sociais, em diversas situações, podem fazer uso de notícias, mensagens, vídeos e sons para sua promoção, disseminando objetos fatídicos noticiados, associados ao interesse de própria exposição. Assim, uma informação poderá ampliar-se e distribuir-se por redes de conexões neurais de indivíduos, criando significados e provocando impactos sociais nem sempre passíveis de controle.

Como exemplo do poder da comunicação e sua relação com a mente humana, temos o vazamento de notícias da internação da já falecida ex-primeira dama Dona Marisa Letícia, em fevereiro de 2017 e a forma como essas mensagens foram transmitidas pelos

interlocutores:

Notícia: “Esses fdp vão embolizar ainda por cima”, escreveu, em referência ao procedimento de provocar o fechamento de um vaso sanguíneo para diminuir o fluxo de sangue em determinado local. “Tem que romper no procedimento. Daí já abre pupila. E o capeta abraça ela” (HERDY, 2017, p.1).

A ironia e a sátira envolvidas nas mensagens dos médicos ao tratar de uma paciente no hospital e seu quadro clínico demonstram o envolvimento de emoções que podem ser ocasionadas pelas representações subjetivas provocadas pela divulgação de informações sobre o possível quadro da paciente em crises políticas do país.

Outro caso muito conhecido que teve várias informações repassadas pelo WhatsApp, e de forma instantânea gerando grande mal-estar e falsas interpretações foi o do assassinato da vereadora Marielle Franco da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Gragnani (2018), “Os boatos sobre Marielle começaram a ser espalhados pelo WhatsApp na mesma noite em que ela foi assassinada”, norteados por curiosidade e ideologia política.

Muitas vezes esse usuário nem lê as postagens da sua rede ou apenas faz uma leitura rápida, pois o seu maior intuito é repassar o mais rápido possível para outros grupos que ainda não tenha sido postado. Esta parece ser a ideia, de ser o primeiro a compartilhar, nem sempre buscando saber a origem da informação, acreditando que este conteúdo que foi postado e depois compartilhado por ele, seria sempre uma notícia verdadeira. Não tendo este cuidado, o usuário ao repassar informações falsas como se fossem verdades, poderá contribuir para a propagação crescimento de conteúdos negativos que tenha base de sustentação preconceituosa, racista e favorecendo a violência. Essa atitude fortalece o medo, o temor, a insegurança diante de construções realizadas pela experiência do indivíduo, pelos contextos e pelas circunstâncias que tais informações foram absorvidas e processadas pela mente.

Almeida (2018: p.49), compara as informações das redes sociais como o aplicativo WhatsApp, ao “mito da caverna”, tal qual o estado de alienação da maioria dos usuários dessas redes.

Platão em sua obra *A República* (1999), relata-nos que na caverna haviam pessoas que foram aprisionadas desde a sua infância com os olhares fixos para uma parede, onde nela viam diversas sombras dos acontecimentos externos à caverna e ao contemplar tais imagens, eles buscavam interpretar a realidade através delas, pois era a única fonte de informação que possuíam. Eles interpretavam as imagens que se formavam na parede e discutiam entre si e tiravam suas próprias conclusões a respeito de cada imagem vista. Em um dado momento, um deles conseguiu se soltar da prisão e sair da caverna, ao que teve de imediato o ofuscamento de sua visão devido o contato com os raios solares, e quando conseguiu enxergar o mundo ao seu redor percebeu que as verdadeiras imagens, eram diferentes das que ele via na caverna. Assim adquiriu o conhecimento das verdadeiras origens

das sombras que costumava ver, porém tais representações não eram da maneira que ele pensava, ou seja, aos poucos foi percebendo que o mundo era totalmente diferente do que eles criaram em sua imaginação e todos os anos de suas experiências ruíram, pois teve pleno conhecimento da verdade diante do mundo real lá fora. Este refugiado não se conteve com tantas informações e resolveu compartilhar a verdade que acabara de descobrir com seus colegas de infância. Ao retornar à caverna ele começou a contar o que tinha vivenciado, na medida em que seus companheiros escutavam os acontecimentos que ele tinha presenciado o grupo que ali estava o ouviu atentamente e ficou espantado com as informações relatadas. O refugiado acreditou que estava fazendo o certo, ou seja, mostrar a verdade e tentar abrir os olhos dos seus colegas para uma realidade fora da caverna. Os ouvintes deparando-se com tantas informações, não quiseram acreditar em tudo que acabaram de escutar, logo concluíram que o refugiado estaria completamente louco e não pensaram duas vezes antes de matá-lo (ALMEIDA: 2018, p.48).

Com esta linha de raciocínio, é possível notar que as pessoas conectadas a uma das redes sociais citadas anteriormente assim como o *WhatsApp*, sintam uma maior necessidade de atenção dentro do seu âmbito. E com o tempo passam a dedicar a tal ponto para manter essa rede, que passam a não sair de sua residência. Repassar as notícias se torna uma obrigação, e o retorno instantâneo dos outros membros do grupo é uma recompensa. Então, ainda citando Almeida (2018: p.60), “ele dedicará totalmente as redes sociais em que está inserido podendo ficar totalmente dependente do mundo virtual. Desta forma, pode-se concluir que está preso às redes sociais devido ao uso contínuo que tem a mesma semelhança da prisão da alegoria do mito da caverna de Platão.” As características dessa prisão são:

- PRIMEIRA CARACTERÍSTICA: “SOMBRAS” - o usuário tem a ilusão de popularidade na rede e a seguir as postagens dos demais membros, procura postar também em seu perfil uma realidade baseada na dos outros, uma realidade que não é sua, ou seja, ele vive um mundo irreal na rede dando uma referência ao “mundo das ideias” que Platão quis passar em sua alegoria.
- SEGUNDA CARACTERÍSTICA: “OS DOIS MUNDOS” – criação de perfis irreais para mostrar uma realidade fictícia aos outros membros do grupo em que participa para que os mesmos passem a acreditar como se fossem reais, como também, os *status* ou postagens venham a sustentar esse mundo criado. O Mundo Real, por outro lado, é ativado quando o usuário desconecta das redes sociais e “sai da caverna”, isso o faz sentir solidão, aflição, desapontamento e seu desejo é estar reconectado o mais rapidamente possível para preencher esses vazios.
- TERCEIRA E ÚLTIMA CARACTERÍSTICA: “FUGIR E RETORNAR À CAVERNA” - Para a sustentação desse mundo fictício no ambiente *online*, há uma necessidade de estar conectado vinte quatro horas por dia, então esse uso excessivo pode virar uma dependência das redes sociais, isso sendo no ambiente virtual. Já se tratando do ambiente *off-line*, o usuário cria barreiras que



impossibilitam sua aproximação das pessoas fisicamente. E se isolam quando tentam alertá-lo do mal que está causando a si mesmo.

Essa comparação detalhada realizada por Almeida (2018: p.48-69), vem ilustrar como as conexões mentais podem ser afetadas pelas redes virtuais, causando com tempo, vício e dependência, crises de ansiedade e depressão, entre outras doenças.

## **DOENÇAS ATRIBUÍDAS AO USO DAS REDES SOCIAIS**

Apesar de ser relativamente nova, o uso excessivo de redes sociais, podem causar o adoecimento dos indivíduos. São distúrbios antigos que acometem os indivíduos de uma maneira diferente em virtude desse novo hábito que se não cuidado pode tornar-se um vício.

As redes sociais, tem como características unir indivíduos de diversas culturas e locais formando grupos de amigos, família, trabalho, entre outros, que tenham interesse comum. Os grupos tendem a funcionar como organismos próprios, independente de um só personagem. Quem faz parte de um grupo dá vida a ele e em contrapartida passa a ser moldado por ele. Assim, como afirmado por Castells (2003: p.109), “o individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. O que ocorre é que indivíduos montam suas redes, on-line e off-line, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos”. Desta forma o autor fortalece a ideia de que os grupos sociais tanto no ambiente off-line como o online, se misturam, pois eles se agrupam de acordo com interesses comuns. Um grupo necessariamente não precisa que o outro exista para que o mesmo passe a existir ou vice-versa, um grupo não depende da existência do outro.

O uso da internet, principalmente das redes sociais, em destaques o WhatsApp, criou uma nova linguagem a ser explicada:

O termo *online* é usado para se referir a alguém que esteja conectado a internet, que esteja disponível para acessar informações em tempo real. Já a palavra *offline* é usada quando a pessoa está desconectada, ou seja, quando uma pessoa não pode receber mensagens ou acessar a rede (STEIN, 2019).

Tal crescimento das redes sociais pode ser reflexo dos benefícios que a tecnologia traz, como a rapidez da informação, a aproximação de pessoas, a redução nos custos dos aparelhos móveis e a ampla facilidade de acesso a conteúdo informacionais de pesquisas. Esse contexto também favorece o aumento no número de acessos às redes sociais, independentemente de classe social ou condição cultural. Por outro lado, o uso das redes sociais também pode oferecer riscos à saúde mental das pessoas, as quais dependerão da forma como elas podem ser utilizadas. Criando paradoxo nesse sentido, temos de um lado as redes sociais auxiliando e acelerando a comunicação entre as pessoas e por outro, a

possibilidade de impedirem o contato presencial em que ocorrem as trocas.

Tais condições, por sua vez, podem ser observadas em grupos de crianças, adolescentes e adultos com as mais diversas características sociodemográficas.

Observa-se que a opção de permanecer muito tempo conectado apresenta evidentes interferências negativas na rotina do indivíduo, pois não desfrutam da presença física de outras pessoas de modo adequado, e ainda se colocam em uma condição de vulnerabilidade frente aos problemas de saúde - por exemplo, depressão, ansiedade, solidão (FONSÊCA et.al, 2018: p.200);

A internet aparece como um novo espaço social onde há um aspecto ilusório que não sai do computador e, ao mesmo tempo um aspecto real, que favorece emoções e sentimentos verdadeiros, sendo que para um grande número de indivíduos, não sendo proporcionado na vida real.

O uso patológico ou doentio da internet pode causar vários transtornos, entre eles: o transtorno de dependência comportamental, que de acordo com Fortin e Araújo (2013, p. 294-295), é definido por seis critérios principais: saliência, modificação de humor, tolerância, abstinência, conflito e recaída.

- A SALIÊNCIA - ocorre quando a internet se torna a atividade mais importante na vida da pessoa e domina os seus pensamentos sentimentos e comportamento.
- A MODIFICAÇÃO DO HUMOR - refere-se às mudanças na vida afetiva resultantes de experiências subjetivas que as pessoas relatam ter como consequência de se envolverem em atividades na internet, que podem ser consideradas como uma estratégia de enfrentamento (ou seja, elas experimentam uma sensação excitante ou, paradoxalmente, tranquilizante de “escape”).
- A TOLERÂNCIA - é o processo pelo qual é necessária uma quantidade crescente de internet para alcançar os efeitos da modificação de humor.
- SINTOMAS DE ABSTINÊNCIA - são os estados ou sensações desagradáveis, físicos ou psicológicos, que ocorrem nos períodos de ausência do uso da internet.
- CONFLITO - se refere às discordâncias entre o usuário de internet e aqueles que o rodeiam, podendo haver discussões sobre o gastar muito tempo na internet.
- RECAÍDA - é a tendência para reversões repetidas aos padrões anteriores do uso excessivo de internet, apesar de períodos de abstinência.

Quando o indivíduo deixa de fazer as suas atividades habituais, corriqueiras para estar conectado na internet, ele pode apresentar um comportamento de ansiedade, irritabilidade ou depressão, quando está longe das redes sociais, sendo que neste caso, tem em mente que precisa sempre de um tempo maior de permanência conectado, ou seja,

sempre adia seu término da conexão, e começa a buscar um distanciamento das demais pessoas e procura lugares que possam dar apoio a seu isolamento, geralmente um grupo online, criando um ciclo vicioso.

Caracterizam os sintomas de vício de internet: dependência psicológica, consequências negativas, tolerância e abstinência e outros. A atividade se converte na atividade mais importante da vida do sujeito, dominando pensamentos e sentimentos; ao sujeito parece que nada é possível sem internet e que tudo gira em torno dela. Também ocorre prejuízo de atividades que não exigem o computador como são as relações sociais levando o indivíduo a isolar-se, dando exclusividade às interações virtuais. A conduta é persistente, apesar do desejo do usuário de controlá-la ou modificá-la. Uma vez conectado, ele tem dificuldades de interromper a conexão, passando mais tempo do que o pretendido, utilizando de diversas desculpas para não desligá-la e aumentando assim, o tempo de uso (FORTIN; ARAUJO, 2013, p.296).

Apesar dos inúmeros benefícios e facilidades proporcionados pela internet, observamos que essa ferramenta também pode proporcionar danos aos indivíduos que a utilizam demasiadamente. Esses sujeitos podem desenvolver preocupações e sentir dificuldade em controlar o uso da internet, obtendo prejuízos tanto no âmbito profissional quanto familiar ou social devido ao acesso em demasia. Nessa direção, os efeitos negativos e positivos do uso dos computadores vêm sendo o centro de muitas discussões repletas de controvérsias. Não há um consenso entre os estudiosos acerca de um termo específico para fazer referência ao uso demasiado da internet. No entanto, o termo “dependência de internet (DI), é o mais utilizado para indicar a dificuldade em controlar o uso da internet que acarreta prejuízos funcionais e desconforto emocional em alguns indivíduos” (TERROSO e ARGIMON, 2016, p.202).

De acordo com Terroso e Argimon (2016, p.203), esse termo foi inicialmente proposto em 1995, pelo psiquiatra norte-americano Ivan Goldberg, que criou grupos de ajuda para indivíduos que apresentavam a sintomatologia característica dessa problemática. Em relação aos sintomas além dos outros já apresentados, os autores chamam atenção para ansiedade “fissura”, ou seja, a agitação psicomotora e reforça o padrão constante e prolongado de horas conectado, apesar dos danos obtidos no bem-estar psicológico e social.

O Brasil é o terceiro país em ranking mundial de usuários de internet e o primeiro se considerarmos o tempo de acesso à rede. Isso tem estimulado muitos profissionais como médicos psiquiatras, neurologistas, psicólogos e psicanalistas a realizarem estudos sobre a dependência da internet (TEIXEIRA e KER, 2015).

As autoras Teixeira e Ker (2015), atentam que para diagnosticar a dependência da internet (DI) e o uso compulsivo da Internet (UCI), é importante considerar se a adicção,

patologia relacionada ao dependente é um problema em si, isoladamente, ou se há fatores predisponentes de personalidade que justificariam a aquisição e a manutenção desta conduta. Existe outra questão a ser considerada: saber se a Internet deixou de ser fonte de lazer ou informação e se tornou vício. Para isso, sugere-se observar as mudanças que o uso da Internet provocou na vida da pessoa e porque a pessoa fica tantas horas online, em busca do quê e com que propósito.

Além da dependência e o do uso compulsivo, existe outras patologias relacionadas ao vício nas redes sociais principalmente aos aplicativos como o WhatsApp, acessado por smartphones ou mobiles:

- **NOMOFOBIA** - Basicamente, é aquela terrível sensação que algumas pessoas possuem ao ficarem sem celular ou longe dele. Em sentido amplo, pode ser descrito como o medo de ficar desconectado por qualquer motivo. Qualquer pessoa está sujeita a nomofobia. Assim como os jovens que nasceram no mundo tecnológico, os funcionários de empresas que precisam estar conectados e disponíveis 24 horas por dia também podem ser afetados.

Aos poucos, a nomofobia faz com que as pessoas se distanciem e se isolem da convivência com a família e amigos, para ficar no mundo virtual, causando mudanças drásticas nessas relações. É um contexto paradoxal, pois, ao mesmo tempo que não há uma relação pessoal, existe um contato no mundo virtual com outros indivíduos, aproximando os que estão longe e, muitas vezes, afastando os que estão perto (SANTOS et all, 2017, p.635).

Santos et all (2017), define a diferença entre os termos ansiedade, medo e fobia:

ansiedade é uma reação fisiológica do corpo que prepara para fugir ou lutar em uma situação de perigo, podendo provocar tremores, angústia, taquicardia e outros; o medo é definido como a interpretação de uma situação como perigosa para a pessoa, podendo ser acompanhado de ansiedade ou não; já a fobia está relacionada com um medo muito desproporcional, muitas vezes considerado irracional, que pode atrapalhar as atividades cotidianas e prejudicar a qualidade de vida (SANTOS et. all, 2017, p.634).

- **SINDROME DO TOQUE FANTASMA** - Aquela sensação de sentir o celular vibrando no bolso da calça ou na mochila, sem que haja nenhuma chamada. Isso parece ser algo que está se tornando cada vez mais comum entre as pessoas, e pode ser provocado pelo medo de perder alguma mensagem. O site do Hospital Santa Monica (2017), Hospital especializado em saúde mental infante-juvenil e adulto, dependência química e geriatria, cita um artigo do investigador clínico Michael Rothberg, do *Baystate Medical Center*, nos Estados Unidos, que já realizou uma pesquisa sobre vibrações, concorda que a sensação do “toque fantasma” pode ser causada pela má interpretação de sinais sensoriais em nosso cérebro. No estudo feito por Rothberg, 68% dos participantes relataram já ter experimentado a sensação de sentir seu telefone tocar, quando na verdade nada acontecia. Entre estas pessoas, 87% afirma-

ram experimentar o fenômeno uma vez por semana, e 13% disseram perceber o “toque fantasma” diariamente. “A fim de lidar com uma enorme quantidade de informações sensoriais, o cérebro aplica filtros ou esquemas com base no “espera encontrar”, um processo conhecido como ‘hipótese de busca orientada’, descreve Rothberg. Porém, perceber frequentemente essa falsa sensação é um indício de que o uso do celular, e a espera por novas mensagens estaria tomando proporções consideradas excessivas.

- HIPOCONDRIA DIGITAL (cibercondria) - o hipocondríaco é uma pessoa com mania de doença. E o hipocondríaco digital é a mesma coisa, porém, ele já sente que está doente só em ler algo na internet. O site da Faculdade de Medicina IBCMED (2019), cita uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação, órgão que produz indicadores sobre o uso da Internet no Brasil, que afirma que 33% dos usuários revelaram que usam sites de busca para procurar informações ligadas a saúde. Embora a medida possa trazer vantagens, afinal, um paciente que demonstra preocupação com seu estado de saúde tem mais chances de buscar ajuda médica precocemente e aumentar as chances de cura, no caso de um eventual problema, e em geral, o comportamento tem mais aspectos negativos. Entre os principais, está o fato de que, embora a disponibilidade de informações nos sites de busca sejam altas, nem sempre elas são corretas ou estão completas. Além disso, ainda que a página visitada contenha informações confiáveis, falta ao paciente o treinamento médico para interpretar os sintomas à luz de diversas outras variáveis, como histórico clínico e resultados de exames, por exemplo.

Quando o paciente dá um passo além da cibercondria e passa da pesquisa na internet à automedicação, os resultados podem ser desastrosos.

O uso da internet é imprescindível e irreversível na vida das pessoas, seja para atividades acadêmicas, no trabalho, informação e lazer, porém se o limite do aceitável for ultrapassado e chegar ao patológico, deve-se buscar ajuda.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa suscitou possibilidades para se definir a importância da subjetividade diante do processo comunicacional e de construção mental, buscando interpretações e derivados disso, a possibilidade de adoecimento emocional. A cada momento entende-se como um temor ou uma admiração a vivência do contexto áudio e visual que as tecnologias modernas de comunicação pode proporcionar para a sociedade.

Pôde-se verificar através das leituras e pesquisas desenvolvidas, que diferentes abordagens remetem a construção de significados interessantes ao contexto social, provocando interesses diversificados, e ainda destacar, para sustentar o objetivo dessa pesquisa, que a comunicação mediada por tecnologias. Assim, enfatiza-se o envolvimento significativo ao subjetivo humano, uma vez que a repertório humano, construído através da absorção do mundo circundante e da memória, pode consolidar-se em verdades construídas de forma subjetivas.

O descontrole emocional na construção cognitiva pode ser um impulsionador de conflitos e violência a partir do momento em que se tornam mediadores da informação, passando de receptores a emissores. Dessa forma uma cadeia de emoções é gerada na construção de interpretações.

No contexto da comunicação mediada por tecnologias, o próprio aplicativo WhatsApp, extrapola a referência social conhecida atualmente e invade o ciberespaço de informações sociais, afetando significativamente a estrutura de relacionamentos do século XXI, rompendo as fronteiras que até então eram definidas e hoje encontram um novo espaço no compartilhamento social, na colaboração, definindo novos espaços de pertencimento e interações sociais.

Vivemos um novo tempo para estudos da Comunicação e da Psicologia e as formas de interação humana, que sem dúvida proporcionará para essa pesquisa um vasto horizonte de descobertas.

# REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. F. **Mídias sociais e comunicação científica**: análise alométrica em artigos de periódicos da ciência da informação Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS v. 21, n. 1 – Jan./Abr. 2015.

ALMEIDA, A. A. S. de. **Século XXI**: Um Retorno às Cavernas – das Redes Sociais ao Mito da Caverna nos Dias Atuais. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 05, Vol. 06, pp. 48-69, Maio de 2018. ISSN:2448-0959.

BALLONE G.J. **Carl Rogers**, in. Portal PsiquWeb, in. internet, disponível em <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=188>. Acesso em 08-09-2017 23h.

BALLONE G.J.; MENEGUETTE J.P. **Teoria da Personalidade** - Geral, in. internet Portal PsiquWeb, disponível em [www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=131](http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=131). Acesso em 08-09-2017 21h.

BARCELOS, A. S.; FARIAS, H. P. S. de. **Sociedade em rede e desenvolvimento de inovações**. Rev. Augustus. Rio de Janeiro. v.21. n.41. p.97-104. 2016.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255p.

\_\_\_\_\_. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BORDIGNON, C.; BONAMIGO, I. S. **Os jovens e as redes sociais virtuais**. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 310-326, ago. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 nov. 2019.

BORGES, Claudia Daiana; FARIA, Jeovane Gomes de. **Redes Sociais e Atenção em Saúde Mental**: Uma Revisão da Literatura. Rev. Psicol. IMED, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 159-174, jun. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-50272017000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272017000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 nov. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**, pp. 46-81 in Ortiz, R. (Org.). Bourdieu (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

BRIZANTE, J. **Redes sociais, proximidade e ausência**. Portal Meio&Mensagem. 2018. Disp. <https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniaio/2018/04/23/redes-sociais-proximidade-e-ausencia.html>. Acessado em 19-07-2020.

CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002. mações através das redes.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. 618p.

\_\_\_\_\_. **O poder da comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 629p.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sociedade em Rede.** 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLOMBO, M. **Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo.** Rev. bras. psicodrama, São Paulo , v. 20, n. 1, p. 25-39, jun. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-53932012000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 17 out. 2019.

COPATTI, Lúvia Copelli; FLORES Nilton Cesar. **Sociedade em rede e democracia: reflexões acerca das mobilizações sociais ocorridas no Brasil em 2013.** Revista da Faculdade de Direito-RFD-UERJ - Rio de Janeiro, n. 30 , dez. 2016.

COSTA, R. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva.** Interface Comunicação. Saúde, Educação., v.9, n.17, p.235-248, mar/ago 2005.

DAL BELLO, C. **Visibilidade, vigilância, identidade e indexação: a questão da privacidade nas redes sociais digitais.** Logos, [S.l.], v. 18, n. 1, nov. 2011. ISSN 1982-2391. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/1261/1602>>. Acesso em: 29 out. 2019. doi:<https://doi.org/10.12957/logos.2011.1261>.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivência para o trabalho em grupo.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

FELICE, M. **Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social.** Revista USP, (92), 6-19. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i92p6-19>.

FERREIRA, M. **Interpretando o acesso: a cidadania de internautas cegos e ciberjornalismo de viagens.** Exame de qualificação (Mestrado em comunicação) – UNESP, Bauru, 2020.

FERREIRA, G.; AMARAL, A. (2017). **Redes sociais: Influências na construção da subjetividade do indivíduo.** Psicologia e Saúde em Debate, 3(Supl. 1), 36-37. <https://doi.org/10.22289/V3S1A17>.

FONSÊCA Patrícia Nunes da; COUTO, Ricardo Neves, MELO, Carolina Cândido do Vale; AMORIM, Luíze Anny Guimarães; PESSOA, Viviany Silva Araújo: **Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas 198 Arquivos Brasileiros de Psicologia;** Rio de Janeiro, 70 (3): 198-212(2018).

FORTIM, Ivelise; ARAUJO, Ceres Alves de. **Aspectos psicológicos do uso patológico de internet.** Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo , v. 33, n. 85, p. 292-311, dez. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2013000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2013000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 dez. 2019.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política.** Rio de Janeiro:Forense, 2006, p. 264-287.



\_\_\_\_\_. **O nascimento da clínica**. 2. ed. Rio de Janeiro. 1963.

FRAGOSO, T. O. (2011). **Modernidade líquida e liberdade consumidora**: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. Revista Perspectivas Sociais, 1(1), 109-124. Disponível em <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/viewFile/2344/21> 97.

FURLAN, M. V. G; MENEGAZZO, M. F. **A Importância das tecnologias de informação e comunicação no ambiente escolar**. Ver. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 8, n. 16, 2017.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEWEHR, D. **Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICS) na escola e em ambientes não escolares**. 2016. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream>. Acesso em: 05 nov.2019.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GOMES, I. D. et al. **O social e o cultural na perspectiva histórico-cultural**: tendências conceituais contemporâneas. Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 814-831, dez. 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682016000300016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682016000300016&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 23 out. 2019. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N3P814>).

GRAGNANI, Juliana. **Pesquisa inédita identifica grupos de família como principal vetor de notícias falsas no WhatsApp**. Da BBC Brasil em Londres 20 abril 2018. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>.

GUERRA, L.A. **Cultura**. Disponível : [www.infoescola.com/sociedade/cultura/](http://www.infoescola.com/sociedade/cultura/) (2014).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guarareia Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERDY, THIAGO. **Após compartilhar dados sigilosos de Marisa, médica do Sírio é demitida**. Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/apos-compartilhar-dados-sigilosos-de-marisa-medica-do-sirio-demitida-20864217#ixzz4dcX3bhq9>. Acesso em 26-10-2017.

HOSPITAL SANTA MONICA. **Síndrome do toque fantasma**. 2017. DISPONIVEL <https://hospitalsantamonica.com.br/sindrome-do-toque-fantasma/>.

IBCMEDD – FACULDADE DE MEDICINA. **CIBERCONDRIA: LIDANDO COM PACIENTES QUE RECORREM AO “DR. GOOGLE”**, 2019. DISPONIVEL em <https://ibcmed.com/cibercondria-saiba-como-tratar-a-sindrome-do-dr-google/>.

IBGE. PNAD Contínua TIC 2017: **Internet chega a três em cada quatro domicílios do país**. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. ACESSO em 11 nov.2019.

KENSKI, V.M. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação.-8ª ed. –Campinas, SP: Papyrus,2013.

LANDIM, f. l. p. et al. **Estudo-síntese: interfaces da análise de rede social com o campo da saúde mental**. Cad. Saúde Colet., 2010, Rio de Janeiro, 18 (4): 527-35. Disponível cadernos.iesc.ufrj.br.

LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. **Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, mai-jun 2010, p.173-181.

LEÃO, J. A complexidade da comunicação. Oficina de Psicologia. Disponível em <https://oficinadepsicologia.com/a-complexidade-da-comunicacao/>. Acesso em 08-09-2017 17h.

LEVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Rio de Janeiro: Loyola, 2002. 214p.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.204p.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000. 264p.

\_\_\_\_\_. **Cyberdemocratie**. Paris: Odile Jacob, 2002.

MAFFESOLI, M. (1996). **No fundo das aparências**. Porto Alegre: Vozes.

MANSANO, S. R. V. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade**. Artigo apresentado: “VIII Encontro Científico da Pós-Graduação em Psicologia: Modos de subjetivação no contemporâneo”, realizado no dia 25 de novembro de 2009, na UNESP – Assis. Ferreira, G., & Amaral, A. (2017). REDES SOCIAIS: Influências na construção da subjetividade do indivíduo. *Psicologia e Saúde e Debate*, 3(Supl. 1), 36-37. <https://doi.org/10.22289/V3S1A17>.

MOREIRA, J. O. **Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade**. *Psicol. Am. Lat.*, México, n. 20, 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2010000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 17 out. 2019.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1990.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

MORI, Valéria Deusdará; REY, Fernando González. **A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária**. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 140-152, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872012000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 18 dez. 2019.

MOROMIZATO, Maíra Sandes; FERREIRA, Danilo Bastos Bispo. SOUZA, Lucas Santana Marques de; LEITE, Renata Franco; MACEDO, Fernanda Nunes; PIMENTEL, Déborah. **O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina**. *Revista Brasileira de Educação Médica* 41 (4) : 497-504; 2017. I Círculo Psicanalítico de Sergipe, Aracaju, SE, Brasil.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MYERS, D. G. **Psicologia**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2006.

OLIVEIRA, Thyciane Santos. **CADÊ MEU CELULAR? UMA ANÁLISE DA NOMOFOBIA NO AMBIENTE ORGANIZACIONAL**. Rev. adm. empres., São Paulo, v. 57, n. 6, p. 634-635, Dec. 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902017000600634&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902017000600634&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 Dec. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-759020170611>.

ORTNER, S. B. **Subjetividade e crítica cultural**. Horizontes Antropológicos. vol.13. n. 28. Porto Alegre. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832007000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200015)>.

PAULINO, D. B. **WhatsApp® como Recurso para a Educação em Saúde**: Contextualizando Teoria e Prática em um Novo Cenário de Ensino-Aprendizagem. Rev. bras. educ. med., Brasília, v. 42, n. 1, p. 171-180, Jan. 2018. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022018000100171&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022018000100171&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 25 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1rb20170061>.

PERLES, João Batista. **Comunicação**: conceitos, fundamentos e história. Biblioteca.On-line de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentoshistoria.pdf>. Acessado em:

PINTO A.M. **As novas tecnologias e a educação**. Universidade Estadual de Maringá (UEM). 2004. Disponível em<[http://www.portalnepsul.com.br/admin/uploads/2004/Poster/Poster/04\\_53\\_48\\_AS\\_NOVAS\\_TECNOLOGIAS\\_E\\_A\\_EDUCACAO.pdf](http://www.portalnepsul.com.br/admin/uploads/2004/Poster/Poster/04_53_48_AS_NOVAS_TECNOLOGIAS_E_A_EDUCACAO.pdf)>. Acesso em: .....

PORTAL CANALTECH. **WhatsApp: Simples. Seguro. Troque mensagens com confiança**. São Paulo: 2016. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/whatsapp/>>. Acesso em: 4 out. 2019.

PORTAL DA REVISTA EXAME. **Médica descreve primeiro caso de ‘whatsappitis’, dor no dedão pelo excesso de whatsapp**. São Paulo: Portal da Revista Exame, 27 mar. 2014. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/medica-descreve-primeiro-caso-de-whatsappitis-dor-no-dedao-pelo-excesso-de-whatsapp/>>. Acesso em: 2 out. 2019.

PORTO, Tania Maria Esperon. **As tecnologias de comunicação e informação na escola**: relações possíveis... relações construídas. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 43-57, Apr. 2006. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782006000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000100005&lng=en&nrm=iso)>. access on 08 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782006000100005>.

PRIMO, A. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

REVISTA MINHA VIDA. **Vício em redes sociais**: descubra sinais que indicam dependência digital. Revista minha vida. Disponível: <https://www.minhavidacom.br/bem-estar/tudo-sobre/32915-vicio-em-redes-sociais>.

ROCHA, Cristianne, Maria Farner. **As redes em saúde**: entre limites e possibilidades, 2005. Disponível em:

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSA, G. A. M.; SANTOS, B. R. **Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura.** Temas psicol. Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 913-927, dez. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000400010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400010&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 25 out. 2019.

ROSA, R. CECÍLIO, S. **Educação e o uso pedagógico das tecnologias da informação e comunicação: a produção do conhecimento em análise.** Educ. foco, v.15, n.1, p.107-126, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2011/05/Artigo-0x-15.1-Rosemar.pdf>>.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 2012. P.10.

SCLIAR, Moacyr. **História do Conceito de Saúde** PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1):29-41, 2007.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. **O conceito de saúde.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-542, Oct. 1997. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101997000600016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000600016&lng=en&nrm=iso)>. access on 18 Dec. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>.

SILVA, Alexander: **Dependência de Internet e Redes Sociais: Um Olhar Cognitivo-Comportamental**. – São Paulo, 2018.

SILVA, F. G. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural\*** Psic. da Ed., São Paulo, 28, 1º sem. de 2009, pp. 169-195.

SILVA, Leonardo Cunha da. **Da comunicação interpessoal à comunicação em ambiente virtual.** 2005 – p.23:32 : disponível <https://www.lerparaver.com/lpv/comunicacao-interpessoal-comunicacao-ambiente-virtual>.

SOUZA, Jeane Barros de et al. **Conceitos e práticas em saúde: a enfermagem comemorando o Dia Internacional da Saúde.** Extensio: Revista Eletrônica de Extensão, Florianópolis, v. 16, n. 33, p. 123-132, ago. 2019. ISSN 1807-0221. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2019v16n33p123/40775>>. Acesso em: 18 dez. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/1807-0221.2019v16n33p123>.

SOUZA, K. M. **Sobre Cultura e Comunicação.** v. 36, n. 1 (2014).

STEIN, Thaís. **Gírias:** online e offline. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/online-e-offline/>; Acesso em 15/12/2019.

TEIXEIRA, Carina Rabelo Dias; KER, Mariana Gama. **Aspectos Psicopatológicos da Dependência da Internet.** Psicologado. Edição 09/2015. Disponível em < <https://psicologado.com.br/psicopatologia/transornos-psiquicos/aspectos-psicopatologicos-da-dependencia-da-internet> >. Acesso em 21 Dez 2019.

TELES, A. M. O. **Por uma pedagogia com foco no sujeito:** um estudo na Licenciatura em Educação do Campo. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor. 2015.

TERROSO, Lauren Bulcão; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. **Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes**. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 200-219, jul. 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812016000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000100012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 dez. 2019.

TOME PINA, Selma Cristina; AHAD, Ana Maria Abdul. **Comunicação**: uma indispensável ferramenta de dominação e poder. Ciência ET Praxis (Qualis B3 - 2017-2018), [S.l.], v. 6, n. 11, p. 51-54, abr. 2017. ISSN 1983-912X. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/2122/1114>>. Acesso em: 10 Nov. 2019.

TORQUATO, G. **Cultura**: Poder - Comunicação - Crise e Imagem - Fundamentos Das Organizações do Século XXI - 2ª Ed.1991.

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do marketing digital**: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar. São Paulo: Novatec Editora, 2009.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração** 7.ed. São Paulo: Atlas 2006.

WEBER, MAX. **Economia e sociedade**. Vol. I. Brasília, UnB. 1991.


ZENHA, L. **Redes sociais online**: o que são as redes sociais e como se organizam? Caderno de Educação, ano 20 - n. 49, v.1, 2017/2018 - p. 19 a 42.


**RODRIGO RODRIGUES** - Psicólogo, pedagogo e administrador, estudou mestrado em Ciência da Informação e doutorado em Comunicação. É especialista em Gestão de Pessoas, Metodologia e Gestão para Educação à Distância e Gestão Empresarial. Atua como psicólogo clínico e como educador no ensino superior. Envolvido com tecnologias da informação e da comunicação como ferramenta educacional e de gestão.



# O ADOECIMENTO MENTAL NAS REDES SOCIAIS:

Mediações da informação e o poder da comunicação

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)


 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)


  
Ano 2023



# O ADOECIMENTO MENTAL NAS REDES SOCIAIS:

Mediações da informação e o poder da comunicação

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)